



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV/ JACOBINA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOELMA OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO

**MEMORIALISMO: NARRAÇÃO, FICÇÃO E HISTÓRIA.**  
Um estudo da memória urbana de Jacobina através de escritores memorialistas.

JACOBINA-BA

2015

JOELMA OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO

MEMORIALISMO: NARRAÇÃO, FICÇÃO E HISTÓRIA.

Um estudo da memória urbana de Jacobina através de escritores memorialistas.

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Bahia – UNEB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Washington Luis Lima Drummond.

JACOBINA – BA  
2015

**[Ficha catalográfica]**

CONCEIÇÃO, JOELMA OLIVEIRA.

MEMORIALISMO: NARRAÇÃO, FICÇÃO E HISTÓRIA. Um estudo da memória urbana de Jacobina através de escritores memorialistas. Joelma Oliveira da Conceição. UNEB 2015.

Monografia (graduação)- Universidade do Estado da Bahia. Curso de licenciatura plena em História. Jacobina-Ba. 2015. Orientador: DRUMMOND, Washington Luis Lima.

1. Memória 2. História 3. Memorialismo 4. Cidade



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV/ JACOBINA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOELMA OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO

MEMORIALISMO: NARRAÇÃO, FICÇÃO E HISTÓRIA.

Um estudo da memória urbana de Jacobina através de escritores memorialistas.

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito final para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Washington Luiz Lima Drummond (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – UFBA)

---

Prof. Dr. Jose Carlos Felix (Doutorado em Teoria e História Literária pela- UNICAMP)

---

Profa. Polliana Moreno dos Santos (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade- UESB)

JACOBINA-BA

2015

## AGRADECIMENTOS

*“Que todo o meu ser louve ao Senhor e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!”*

*Bíblia Sagrada, Salmos 103:2.*

Ao receber o privilégio da vida, recebemos, também, a possibilidade de fazer escolhas. Decidimos percorrer caminhos, viajamos, sonhamos, implementamos projetos e nos esforçamos pra realizá-los, conhecemos pessoas que chamamos amigos, vamos conferindo sentido à nossa existência, enfim, construímos nossa história. Na trajetória da vida não estamos sós, há promessas que trazem esperança, alimentam a alma e motivam prosseguir e percorrer caminhos um tanto perfeitos. E quando os projetos se realizam, o entusiasmo, a satisfação e o contentamento extravasam em louvor e as palavras se tornam insuficientes para transmitir o que sentimos.

Ao chegar ao final dessa etapa da vida acadêmica meu coração se enche de alegria e compartilho essa vitória com aqueles que estiveram presentes nos vários momentos da produção desse trabalho e agradeço o apoio, a atenção e o carinho dispensados.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que abriu as portas e guiou-me diante de todas as circunstâncias.

Sou imensamente grata a meu orientador, Dr. Washington Luiz Lima Drummond. Que representou segurança e certeza de bom acolhimento. Obrigada por ter acreditado em meu trabalho, pela confiança, pela liberdade e autonomia e por sua gentileza. O aprendizado desses anos foi precioso para meu amadurecimento intelectual e profissional. Manifesto meu reconhecimento pela intelectual competente e pessoa de alma nobre que és. Meu muito obrigada!!! Em tempo, agradeço também pela minha participação nesses últimos dois anos no Grupo de Pesquisa Pós-Teoria, coordenado pelo meu orientador e com a participação dos meus colegas de orientação, seja de tcc ou de iniciação científica, que em encontros regulares discutiu temas de importância para a minha pesquisa.

Agradeço à meu amigo Edson Silva por toda atenção que me dedicou, sempre presente nos momentos de desespero, quando eu dizia que não iria conseguir, dispondo do seu tempo para trocar ideias, indicando material. Suas observações e sugestões apontaram caminhos de aprofundamento e foram fundamentais para a finalização do trabalho. Por isso, meu apreço e agradecimento.

A minha colega de curso Daiane Santana, juntas compartilhamos das mesmas apoquentações e medos. Mas sempre uma encorajando a outra, torcendo para tudo correr bem (e acabar logo). Foi o meu refrigerio proporcionando momentos de sociabilidade para evitar o estresse e partilhar vida.

A minha querida mãe, Hilda , e meu irmão, Ivanildo e minhas sobrinhas Emilly e Yasmin pelo amor e apoio incondicionais, pelas orações, pela compreensão nas ausências, pelo auxílio nas pesquisas, por compartilhar as angústias. É impossível mensurar meu amor e minha gratidão; acreditaram em mim quando eu mesma duvidei que poderia chegar ao fim e sempre com um sorriso aberto, palavras e gestos amorosos e sábios conselhos acalmaram meu coração, incentivando e animando para caminhar um pouco mais. Com vocês tenho dívida de gratidão eterna.

Como não cabe em palavras a dimensão de minha alegria e gratidão, completo com a tão citada frase do poeta, Fernando Pessoa, que tem razão ao dizer: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. O sonho não é impossível ao que crê. A esperança se renova a cada manha.

***A verdade dividida***

*A porta da verdade estava aberta  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só conseguia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia os seus fogos.  
Era dividida em duas metades  
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.  
E era preciso optar. Cada um optou  
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

*Carlos Drummond de Andrade*

## RESUMO

O cerne desse estudo é problematizar as interconexões entre história e memória no município de Jacobina-Ba. Discutir a posição do narrador memorialista na literatura historiográfica contemporânea e a forma pela qual essa experiência é representada em seus escritos declaradamente autobiográficos. Analisando a trajetória dos ditos guardiões da memória, sujeitos que se dedicam a pesquisar, preservar e difundir a memória, com o intuito de deixar registro da história do seu município. Essa pesquisa tende estudar uma categoria muito peculiar desses detentores da memória popular: Os memorialistas. Estes, apesar de não possuírem uma formação específica na área acadêmica de História, se caracterizam por possuírem acervos de documentos locais que contam a história de sua cidade e deles próprios. E se comprometem a escrever e contar a história da sua terra.

Palavras-chave: Memória; História; Memorialismo; Cidade.

## ABSTRACT

The core of this study is to render problematic the interconnections between history and memory in the city of Jacobina - Bahia. Discuss the position of the memorialist narrator in the contemporaneous historiographical literature and the way this experience is presented in his scripts declaredly autobiographic. Analysing the trajectory of the called guardians of memory, citizens that dedicate to search, to preserve and to diffuse the memory, intending to record the history of his city. This research disposes to study a very peculiar category of these detainers of popular memory: the memorialists. These, despite not having a specific formation in the academic area of History, are characterized by having heaps of local documents that tell the history of their city and the history of themselves. And pledged to write and tell the history of their land.

Keywords: Memory; History; Memorialism; City.

## SUMÁRIO

1. <i>INTRODUÇÃO</i> .....	11
2. <i>MEMORIA, NARRAÇÃO E HISTÓRIOGRAFIA</i> .....	15
3. <i>A HISTÓRIA DA CIDADE ATRAVÉS DOS LIVROS DE MEMORIALISTAS</i> .....	28
4. <i>MEMORIALISMO E VIDA URBANA: ENTRE REPRESENTAÇÃO E INVENÇÃO</i> .....	41
5. <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i> .....	56
<i>ANEXOS</i> .....	58
<i>REFERÊNCIAS</i> .....	65

## 1. INTRODUÇÃO

*A poesia da história repousa no fato quase milagroso de que, por esta mesma terra, por este mesmo chão familiar, já caminharam outros homens e mulheres, tão reais quanto nós, com pensamentos próprios levados pelas próprias paixões, todos mortos agora, gerações e gerações completamente desaparecida, da mesma forma que nós muito em breve desapareceremos como fantasmas ao raiar do dia.*

*G.M. Trevelyan*

“A memória é traiçoeira, diz o adágio popular. No mínimo seletiva, bem sabemos!”<sup>1</sup> Entendemos que a memória, ou seja, a lembrança do passado é questionada pelo presente seja a partir de um chamado voluntário, ou a execução de um esforço pra rememorar acontecimentos por intermédio de uma memória, como uma máquina capaz de trazer para o presente, através de palavras, objetos ou cenários, que provocam o despertar de uma lembrança. Mas não como num espelho, a memória não retrata o acontecimento do mesmo modo que aconteceu, mas sim a realidade lembrada por quem ouviu ou viveu. Pois assim como nos diz Drummond é impossível recuperar o passado da mesma forma que aconteceu. O que se reproduz são quadros, tal como um espetáculo teatral. Essa perspectiva incide sobre a narrativa memorialística para com base nos trabalhos benjaminianos assumir a sua encenação. Segundo Drummond, para Benjamin a memória, longe de seu compromisso direto com a experiência vivida, é mais o lugar de sua encenação.<sup>2</sup> Reconhecemos a dificuldade em trabalhar com essa perspectiva num campo historiográfico, que ainda se alimenta de um mal disfarçado positivismo em sua busca de associar o vivido com o escrito. De qualquer maneira, procuramos ao longo do texto acompanhar a perspectiva desenvolvida pelo orientador.

Nesse sentido é possível entender que relembrar é sempre estabelecer relações entre passado e presente, entre o sujeito e o social e até mesmo entre o processo de lembrar e esquecer. Tem razão Pesavento quando afirma que:

<sup>1</sup> PESAVENTO. . Sandra Jatahy. As leituras da memória: A cidade imaginária de um cronista do Sul brasileiro ( Antônio Alvares Pereira Coruja e a Porto Alegre do Início do Século XIX) 1990 p. 48

<sup>2</sup> DRUMMOND, Washington; SAMPAIO Alan. Genealogia e historiografia: dissolução do sujeito, elisão da memória 2015. p. 164

Aquele que rememora recorta, seleciona, esquece, acrescenta, fazendo com que o trabalho se assemelhe a uma urdidura lenta e caprichosa, cheia de lacunas e silêncios preenchidos ou então desconsiderados, que são compostos com outros tantos detalhes, em cruzamentos e correspondências que se renovam.<sup>3</sup>

A memória que trataremos nesse trabalho é uma memória específica isto é uma reminiscência evocada pela lembrança de sujeitos a respeito de Jacobina. É na intrínseca relação entre historiadores e memorialistas que consiste o âmago primordial da presente análise. Já que é impossível se falar de historiografia regional, sobretudo se tratando do sertão baiano, sem considerar a importância das obras produzidas por memorialista.

Certos disso, teremos como ponto principal da discussão a maneira particular como esses memorialistas constrói a memória de sua cidade ou região. Acima de tudo no que diz respeito aos caracteres imagético-conceituais produzido por historiadores que representam esses escritores, deveras usado na qualidade de fonte, no entanto raramente problematizado como objeto de estudo. Para tal, dissertamos acerca das principais delimitações conceituais próprias do memorialismo, com base no referencial teórico adotado, situando-o entre os campos do saber da História e da Literatura. Em seguimento inclinaremos a entender de forma mais específica o memorialismo jacobinense, a partir de suas especificidades espaciais e temporais.

Demanda que ressaltamos, de início, que um dos principais obstáculos enfrentados pelo pesquisador ao projetar uma abordagem historiográfica acerca do memorialismo, indubitavelmente é aplicar um conceito coerente ao termo historiográfico, uma vez que, em torno desta, não conformidade por parte dos historiadores brasileiros, em decorrência a toda essa multiplicidade de sentido referente ao tema. Conforme nos lembra Certeau, um historiador precisa de um consentimento por parte de seus pares para conceder historicidade ao seu texto, pois, uma das regras mais severas do meio historiográfico se traduz, diretamente, nas chamadas “leis do meio”.<sup>4</sup>

Inicialmente, de forma bem distinta, poderíamos afirmar que o memorialismo é um conjunto de obras produzidas exteriormente ao âmbito acadêmico, elaboradas por indivíduos que não detém de uma formação específica na área de história, ou seja, não frequentaram um curso essencial para conhecer as técnicas da escrita histórica. É de se notar que esses autores não descrevam apenas uma vontade, mas demonstra também o modo de fabricação do urbano e dos grupos políticos envolvidos, como bem ensina Chartier, as representações do mundo

---

<sup>3</sup>PESAVENTO, 1990, p. 47

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. A escrita da História. – Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982. P.72

social, “à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”<sup>5</sup>

No Brasil, esse gênero literário surgiu no final do século XIX, se desenvolvendo a penas no início do século XX, conseqüentemente devido as inúmeras transformações políticas, sociais e econômicas enfrentadas pelo país, em suas variadas regiões, no processo de substituição de uma sociedade predominante rural, sentido a um Brasil tipicamente urbano. Foi, nesse cenário, que esses intelectuais “memorialistas” foram estimulados a escrever sobre a sociedade em constante transformação. Mas foi somente a partir dos anos 80 que a narrativa literária foi aceita pelos historiadores brasileiros como fonte ou objeto. Conforme narra Antônio Celso Ferreira:

“Isso só ocorreria desde a década de 1980 com as novas propostas de abordagem da História Social e Cultural, que ganharam relevo em países da Europa e nos Estados Unidos. A partir de então, essa linha de estudos tornaram-se profusão entre nos gerando trabalhos relevantes”.<sup>6</sup>

A fim de inquirir respostas para essas questões, a metodologia e os suportes teóricos que são apresentados nesse estudo categorizam por olhares que, de uma forma ou de outra, tratam da temática de memória, narração e história. Os autores que dão sustentação teórica e metodológica a esse estudo são: Halbwachs (2006), Pesavento (1990), Nora (1993), Le Goff (1996) D’Alessio (1998) Certeau (1982) Chartier (1985), Benjamin (1936) ,Drummond (2014) entre outros.

Dessa forma o estudo esta organizado em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo fazemos uma reflexão metodológica sobre as transformações historiográficas, possibilitadas pelo estudo da memória. Uma análise sobre as alterações do conhecimento histórico e seu discurso relacionado à memória como fonte específica. Levando em conta como principio geral que o estudo da memória atende a uma imposição de busca de identidades em extinção.

Uma vez que, com a finalidade de trazermos elementos sobre a pesquisa de temas relacionados à memória educacional, que se utiliza a obras memorialísticas para análise da história social, firmados no conceito de Le Goff, ao afirmar que “a memória, onde cresce a

---

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. A História cultural - entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985. p.19

<sup>6</sup> FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: O historiador e suas fontes. (Orgs): Carla Bassanezi Pinky; Tania Regina de Luca. 1ed. São Paulo. Contexto, 2011. p. 65

história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.<sup>7</sup>

No segundo capítulo buscamos compreender a relação entre memorialistas e a história a partir da compreensão da delimitação dos tipos de escritores que reconstróem a história social, cronistas regionais, memorialistas e historiadores, um levantamento de fontes de obras memorialísticas da região que contribuem para aprimorar os estudos sobre a cidade, pelo fato dessas obras memorialistas serem riquíssimas como fonte de pesquisa nas diferentes áreas do conhecimento.

No decorrer do terceiro capítulo objetivamos compreender a visão do homem e da sociedade jacobinense por meio da representação memorialista. Apresentamos análise das obras conduzida pela técnica de análise de conteúdo, pois viabiliza classificar, descrever e interpretar os dados qualitativos em textos e documentos. A análise de conteúdo se desenvolve entre a objetividade e a subjetividade, pois a técnica tenciona manifestar o sentido e o significado que o autor transmitiu.

Por fim, à guisa de considerações finais, colocamos em pauta a relevância da contribuição de obras memorialistas para o campo da História . Buscamos expor e impulsionar a reflexão sobre o tema, contribuindo para sinalizar elementos que compõem a história de Jacobina.

---

<sup>7</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória . 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996 p.426

## 2. MEMORIA, NARRAÇÃO E HISTÓRIOGRAFIA

*O estudo da memória nos ensina que todas as fontes históricas estão desde o principio banhadas de subjetividade.*

*Jan Vansina*

“Os estudos de memória respondem a uma necessidade de busca de identidades ameaçadas”<sup>8</sup>. Geralmente quando um historiador levanta uma pesquisa que envolve propriamente um trabalho histórico, cujo a fonte e a expectativa de discursão é a memória, são levantadas ressalvas que justifique a sua escolha. Para o historiador o estudo da memória se faz necessário para que a história não caia no esquecimento. A memória é trabalhada por ele como uma forma de respaldo para recuperação e manutenção daquilo que se imagina esta desaparecendo, ou seja, um trabalho salvador.

O que fica evidente, então, é que o desejo de lembrar se dá em um instante de inquietude no âmbito de tradicionalismo e modernidade, essa inquietude demonstra rompimentos que embora profundamente organizados, desarmonizam formas de viver e quadros mentais coletivos, provocando lacunas que as lembranças complementam.

Todavia não se pode confundir tradição com memória, embora uma esteja contida na outra. Tradição esta enraizado no cotidiano, no que se repete principalmente no que podemos identificar como ritos. A tradição é dinâmica e o que a mantém viva é a capacidade de reinventar. Enquanto a memória esta assegurada no lembrar.

Walter Benjamin em o “Narrador. Considerações sobre a obra de Nicolau Leskov” reitera que a narração - forma de exibição de lembranças - e o narrador - o sujeito responsável pela exibição dessas lembranças - estão em vias de extinção. Segundo Benjamin é cada vez mais difícil encontrar pessoas que narrem adequadamente. Em uma versão um tanto ressentida Benjamin insere a Primeira Guerra Mundial como um cenário ilustrativo que definia bem aquela ação perdida.

Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e

---

<sup>8</sup> D’ALESSIO, Marcia Mansor. Proj. Historia, São Paulo, (17), nov. 1998 p. 270.

debaixo delas, num campo de forças de torrentes explosões, o frágil e minúsculo corpo humano.<sup>9</sup>.

A Primeira Guerra Mundial constrói um cenário que produz esquecimento, a partir do momento que provoca o rompimento, costumes e valores vão abaixo, já não existe a juventude para a qual as lembranças eram passadas, divididas. A guerra promove o dilaceramento da família, os costumes de outrora não se repetem mais nas sociedades. Conseqüentemente as guerras formam espaços de deslembranças por produzirem o esquecimento.

Benjamin ressalta que o romance simboliza o indício da evolução que resultou no fim da narrativa. Quando a partir de fatos reais ou ficcionais é construída uma narrativa ficcional, mesmo que se baseie e busque de alguma forma elementos que sejam verdadeiros como os romances históricos, por exemplo, que a narrativa é constituída a partir de fatos reais e ficcionais. O romancista assim como na narrativa literária também é um pesquisador, buscam elementos de verdade para que o leitor possa se prender a historia que esta ali representada. Ele cria um sujeito fictício, mas com características reais, suposições baseadas em algo que exista que faça sentido. Sendo assim narrativa histórica e romance remetem-se a formas literárias de contar e narrar com bases completamente diferentes. Em síntese:

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. [...]. A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 198.

<sup>10</sup> BENJAMIN, 1994, p. 201

“Tempo e espaço confundem-se no resgate de lembranças”<sup>11</sup>. Apoiado nesses dois elementos as identidades, o conhecimento e a sensibilidade das coisas são identificadas. Não existe sujeito sem espaço e sem tempo. Em suma não existe sujeito que não seja histórico. Em Proust, George Poulet ressalta que:

Graças a memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado. Ou para ser mais preciso está um espaço em fim encontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança.<sup>12</sup>

A memória é uma fonte da história e não pode ser tomada como verdade. Uma das estimativas do conhecer histórico a caminho da inovação é a ânsia de subjetividade na investigação e na representação histórica. Praticar a escuta tal como um psicanalista é um meio do historiador trazer a tona emoções e intimidades das práticas coletivas dos homens.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.<sup>13</sup>

A narrativa histórica preocupa-se com as fontes e com a aproximação da realidade. Uma vez que não é papel do historiador conjecturar coisa alguma, mas promover um encontro possível com a verdade. Isso implica a busca por apresentar credibilidade no texto produzido, no intuito de que ele possa ser usado como referência na produção de outros trabalhos.

Não podemos deixar de ressaltar a memória nacional. Uma arma valiosíssima utilizada pelo poder de grupos políticos hegemônicos. Ela é sempre alguma coisa que é requisitada e utilizada quando se quer construir uma certa harmonia ou provocar uma situação de conflito entre grupos que disputam o poder. A memória nacional pode mudar a partir de situações políticas como também ideológica. É preciso ter cautela ao trabalhar a identidade nacional a partir da história nacional, uma vez que, a memória nacional é problemática e manipulável.

O século XIX foi um século fadado na construção do nacionalismo. Um momento de construções de identidades. A própria Europa é muito fruto disso, conquistando a partir da

---

<sup>11</sup> D'ALESSIO, 1998, p. 272

<sup>12</sup> POULET, G. O espaço proustiano. Rio de Janeiro, Imago, 1992, p 54-5

<sup>13</sup> BENJAMIN, 1994, p. 205

Primeira Guerra Mundial o reordenamento do mapa ocidental. No Brasil não foi diferente. D. Pedro II tentou construir a ideia de um Brasil que possuía uma identidade. E a grande sacada do monarca, foi lançar a mestiçagem como projeto de identidade nacional.

O autor José Murilo de Carvalho em *Formação das Almas*<sup>14</sup> discorre como foram construídos os mitos de formação do povo brasileiro. No terceiro capítulo intitulado, Tiradentes: um herói para a República, Carvalho faz uma interessante análise sobre a escolha da figura do alferes Joaquim José da Silva Xavier como o grande herói do regime republicano. Para satisfazer a necessidade de se criar um herói para república que simbolizasse o poder e encarnação dos ideais republicanos. Uma vez que se propagava a ideia de que "Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico"<sup>15</sup>. Foram buscar na colônia o grande herói republicano brasileiro. Um outro exemplo claro da manipulação em torno de Tiradentes foi aproximação da sua imagem com Cristo para acender o sentimento popular cristão.

A partir daí entende-se que "O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo as contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc.etc. desse tempo"<sup>16</sup>. Consequentemente, não existe acaso nem inocência na memória, Meneses nos chama atenção para que não pensemos a memória como um amontoado de fatos, colecionados durante uma certa cronologia sem nenhum compromisso ou relação de consequência.

Sempre que se trabalha com uma ideia de memória nacional, significa que essa memória se constitui coletivamente e todos entendem e aceitam essa memória como sendo memória nacional. Nenhum documento ou memória sozinho, isolado do seu contexto tem algum sentido ou significado.

"A uniformização da memória feita pelo poder tem a função, dentre outras, de construir e manter a identidade nacional".<sup>17</sup> Essa relação história e poder provocou mudanças significativas nas transformações da historiografia, surtidas pelos estudos de memória. A questão da memória encontra-se com a questão da identidade, levantando e derrubando parâmetros.

O tema da memória está em voga, hoje mais que nunca. Fala-se de memória da mulher, do negro, do oprimido, das greves do ABC, memória da Constituinte e do

<sup>14</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da república no Brasil*. São Paulo 1990 p 55-73

<sup>15</sup> CARVALHO, 1990, p. 55

<sup>16</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *Rev. Inst. Est. SP*, 34:9-24, 1992 p.12

<sup>17</sup> D'ALESSIO, 1998, p. 277

partido, memória da cidade, do bairro da empresa da família. Talvez apenas a memória nacional, tantas vezes acuada (e tantas vezes acuadora ) esteja retraída.<sup>18</sup>

Esse chamado de Ulpiano T. Bezerra expressa um certo modismo em se invocar a memória como salvação de tudo. As pessoas ate mesmo as mais anônimas tem sido provocadas a escrever, exemplo, os velhos da família que são tentados a escrever alguma coisa sobre si, de uma maneira que transmite uma necessidade de buscar a memória individual e não a penas da cidade, das coisas, entendendo como uma fuga ao anonimato.

Multiplicam-se as casas de memória, centros, arquivos, bibliotecas, museus, coleções, publicações especializadas (ate mesmo periódicos). Os movimentos de preservação do patrimônio cultural e de outras memórias específicas já contam com força politica e tem reconhecimento publico.<sup>19</sup>

Como justificar o surgimento de tantos centros de memória? Uma das justificativas é a evocação de questões que pareciam esta esquecidas num passado já concluído. Fica explicita uma situação politica de constituição de poderes e principalmente uma resposta ao publico que se modifica na década de 70 e 80. O crescimento do numero de alfabetizados foi perceptivo, mesmo com a ditadura a população que frequenta a escola publica nessas duas décadas foi positivo. Grandes investimentos foram realizados em prol de solucionar o problema do analfabetismo no Brasil, infelizmente, não prontamente eficazes. Estando ate os dias atuais o país no intente de se salvar do analfabetismo.

O País se encontrava sobre uma perspectiva de mudança, tentado fugir da ditadura, da situação de aprisionamento, principalmente nas áreas de ciências humanas, lutava-se pela liberdade. E ai, diante desse cenário ressurgue a ideia de patrimônio, uma arma politica de transformação ou de permanência.

Nem um objeto nasce pra ser histórico, nem desempenhar papel de patrimônio, nascem pra servir e ser útil naquele momento, o que vai fazer sua utilidade histórica é o tempo. A tesaurização do presente ou seja a ideia de que tudo que é velho e antigo é importante, não é o passado que cria esse tesouro mas o presente que observa esses objetos com olhar no passado em busca de informações.

---

<sup>18</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Rev. Inst. Est. SP, 34:9-24 , 1992 p. 9

<sup>19</sup> MENESES,1992, p 9

Percebe-se que ha uma necessidade psíquica do homem, enquanto representante da continuidade, preservar a memoria. “Fala-se tanto de memoria porque ela não existe mais.”<sup>20</sup> A memoria é apenas rememorada e praticada numa tentativa de identificação por parte dos indivíduos. A sociedade vale-se hoje da história para lhe conceder lugares onde possa pensar que não somos firmados de esquecimentos, mas de lembranças. Em vista disso o homem, preocupado com a perda da sua história, reproduz, cada vez mais, espaços de memória porque não existe mais memoria. Vivenciamos um período de aceleração da historia, ou seja, uma oposição entre a memória ligada às sociedades primitivas e a história, o modelo pelo qual as sociedades modernas, forçadas por mudanças imediatas, estruturam seu passado. "Os lugares de memória são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora".<sup>21</sup>

É a historia que discute a memoria, sendo assim a historia não é cativa da memoria. Então essa relação infantil, quase que primaria que demonstramos em relação a historia e a memoria, deve ser rompida definitivamente. Pode ate se dizer que uma não vive sem a outra, porém, de forma desarmônica e em constante conflito. O papel da historia em relação a memoria é impor a ela a critica. Pois não existe historia sem critica é a partir da critica que o historiador estabelece os critérios do seu trabalho, dando significado as fontes, para que sua pesquisa apresente relevância e credibilidade. Visto que não é uma narrativa qualquer que faz historia, o texto do historiador tende a ser antes de tudo critico, porque ele estabelece critérios.

Memoria e historia, estão longe de serem sinônimos, tudo opõe uma a outra. Em linhas gerais Nora descreve:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução (...). A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.(...) Porque é efetiva e magica a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas(...). A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une (...). A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às

<sup>20</sup> NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993. P 07

<sup>21</sup> NORA, 1993, p 12

evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.<sup>22</sup>

A história é uma perseguição da verdade e por isso pretende destruir a memória, ou seja não fazer com que ela não mais exista, mas acabar com aquela memória falaciosa, descomprometida, a memória que não discute a verdade. “No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir.”<sup>23</sup>

A representação vigente da memória é como instrumento de registrar e reter, depositar informações, conhecimentos e experiência. Quem busca a memória é o presente uma vez que a única forma de se chegar ao passado é através do presente. Somos nós os invocadores da memória e quem provoca a memória é a história.

“Nem a memória pode ser confundida com seus vetores e referências objetiva, nem há como considerar que sua substância é redutível a um pacote de recordações, já previsto e acabado. Ao inverso ela é um processo permanente de construção e reconstrução.”<sup>24</sup> Não existe uma única memória sobre os acontecimentos, são várias as explicações para os fenômenos. A memória é um processo se ela é um processo esta em movimento e se esta em movimento não existe um ponto final. Quando alguém se dispõe a contar uma história, não contara da mesma forma que viu ou ouviu “uma autobiografia nunca é estática”<sup>25</sup> muda o tempo todo, se comporta com contínuas reestruturação de eventos passados.

“A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente.”<sup>26</sup> Tudo que se estuda no passado é uma provocação que se dá no presente. Para se compreender o presente é preciso fazer uma compreensão sólida da construção do hoje que pode propiciar ações que podem ser certas ou não no futuro.

O conhecimento exige estranhamento e distanciamento, somente a história e a consciência histórica pode introduzir a necessária descontinuidade entre passado e presente. É preciso identificar a substância desse país estrangeiro que é o passado, que para chegarmos nele precisamos de um passaporte que é ser historiador o qual detém o conhecimento, as ferramentas e os critérios a serem estabelecidos.

A memória individual, aquilo que é do sujeito, despertado a partir de um interlocutor, só interessa ao historiador quando se manifesta como um fato social, já a memória coletiva “é

---

<sup>22</sup> NORA, 1993, p 9

<sup>23</sup> NORA, 1993, p 9

<sup>24</sup> MENESES, 1992, p 10

<sup>25</sup> MENESES, 1992, p 11

<sup>26</sup> MENESES, 1992, p 11

um sistema organizado de lembranças cujo suporte são os grupos sociais espacial e temporariamente situados<sup>27</sup>. Acontece no grupo, não pode ser uma coisa do sujeito é dinâmica além de ser extremamente variável, esta sempre incorporando novas lembranças não tem fixidez em nada pelo fato de que a memória do grupo é sempre variável podendo ser alternada.

Existe, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não será possível ao indivíduo recordar de lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam. Segundo Halbwachs (2006)

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.<sup>28</sup>

Não nos interessa uma memória *souvenir*, lembranças rápidas passageiras que não tenham significado. “Não precisamos de lembranças de eventos que são repetíveis e não os procuramos. Antes, desejamos lembranças de eventos que sejam narráveis e em que a contingência da materialidade seja compensada pela invenção da narrativa”.<sup>29</sup>

“Sem o esquecimento a memória humana é impossível”<sup>30</sup> ou seja só existe memória porque existe o esquecimento, se não fosse por isso não haveria nenhuma razão de se evocar a memória. A memória só é necessária naquilo que acreditamos ser possível esquecer. Se tem possibilidade de ser esquecido então precisa ser lembrado. Por esse motivo a memória é manipulável e pouco confiável, uma vez que é um mecanismo de evocar lembranças e de não aceitar esquecimento, resulta em cada sujeito evocando a memória e a lembrança da forma que bem entender, tanto no ponto de vista pessoal, quanto na coletividade e no meio social.

Ao se falar em memória é imprescindível tratarmos a questão da morte. Historicamente falando, a morte é impressionantemente importante. Não há fenômeno mais importante talvez consiga ficar emparelhado com o nascimento. Mas ainda assim a morte é mais importante. O nascimento é um marco, político e social, é uma promessa de existência, do que esse indivíduo vai realizar . Mas o diferencial da morte é que o indivíduo deixou de

---

<sup>27</sup> MENESES, 1992, p 15

<sup>28</sup> HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. P.39

<sup>29</sup> MENESES, 1992, p.16

<sup>30</sup> MENESES, 1992, p.16

existir, a morte é a certeza de que ele não realizara mais nada. E tudo que ele realizou será produzido apenas na memória.

As ações que a morte produz na sociedade se realiza por meio da memória construída, sendo ela inventada ou verdadeira. Prova disso é o cristianismo o maior marco religioso do mundo que teve seu ápice depois da morte de Jesus Cristo. A morte é a todo momento evocada, no teatro da missa, quando o padre consagra a hóstia, evoca a morte e a ressurreição e ressurreição é memória. A frase “faça isso em memória de mim” simboliza uma memória que se repete e evocada em muitos lugares.

Dessa forma é importante tomarmos conhecimento do papel da memória e o porque da história a perseguir, tentando controlá-la para que assuma uma importância maior do que a própria história. Então é preciso observamos o cristianismo em suas diversas ramificações, fazendo uso de um olhar histórico e crítico para que não se perca nessa memória tão antiga e bem elaborada de preservação sincrética da história.

A maior certeza do historiador é que há um passado e que esse passado esta na morte. Para responder as questões do presente se faz necessário pesquisar esse passado morto. E esse passado morto é a busca do outro, buscar o outro para dar resposta a se mesmo. E essa aproximação, o acesso ao que esta morto se dá com trabalho técnico. “ Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas”.<sup>31</sup>

A memória oral é uma ferramenta que nos da possibilidade de preencher lacunas, chegar a lugares que documentos escritos não conseguem chegar. É possível recuperar as emoções e as expressões que os documentos inscritos não revelam. Não esta subordinado a confirmação de documentos históricos. Os documentos produzidos a partir da fala de alguém não são suscetíveis a comprovação.

Nossa memória é constituída de tudo que vivemos e do que ouvimos dizer a respeito dos antepassados e temos acesso a essas informações. Ela tem essa capacidade, essa dinâmica de atravessar o presente e o passado. “O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado.”<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> CERTEAU, 1982, p. 65

<sup>32</sup> LOWENTHAL, David COMO CONHECEMOS O PASSADO. Tradução: Lúcia Haddad, Revisão técnica: Mariana Maluf 1998 p. 64

Não é possível alguma coisa ser provada com todos os pontos do passado. Não existe a verdade no passado, assim como também não existe a verdade na história. O que temos é uma aproximação muito forte dessa possibilidade de verdade.

Nenhuma afirmação sobre o passado pode ser confirmada pelo exame de fatos presumidos. Uma vez que conhecer ocorrer apenas no presente epistemológico (...). Não podemos verificá-lo pela observação ou pela experimentação. Diferentemente dos lugares geograficamente remotos que poderíamos visitar se fizéssemos um esforço o passado está além do nosso alcance.<sup>33</sup>

Em suma, o passado só existe porque nos o iluminamos através de vestígios, restos que sobrou, ou seja, fontes cujo resultado não é nada inteiro apenas mera representações. As fontes são fragmentos, resíduos logo, não são completas. São escórias não se esgotam nelas mesmas, porque ela é de processo. Nenhum documento se esgota em si mesmo. Por isso devemos pensar o passado como alguma coisa de possível recuperação, já que dele só temos os fragmentos. Então é mais cabível pensarmos a partir da vida cotidiana, porque o cotidiano deixa sinais mais evidentes e comprometidos com a vivência. E a escrita da história é feita a partir dessas fontes o historiador não inventa coisas, para tanto, não tem como ignorar o cotidiano.

O passado é algo que já passou definitivamente é um tempo que está morto e o que faz com que esse tempo adquira algum sentido é o presente a partir dos elementos de memória. Esses elementos de memória não podem ser pensados apenas como o ato de recordar, como algo que alguém lembrou, mas juntamente com os vestígios e os restos deixados. Os documentos são eles que vão trazer a lucidez a esse passado. Todavia levando em consideração que o passado se apresenta de forma embaçada, sem muita visibilidade e o presente é a lente que nos ajuda a compreender os processos do sujeito.

“Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado”<sup>34</sup> Cada pessoa tem um jeito único de lembrar os eventos vivenciados por ela. Pessoas que participam de um mesmo evento, vão ter lembranças diferentes, cada uma tem seu detalhe específico. Nossas lembranças não são unicamente as coisas que lembramos, mas do que ouvimos acerca do que outros disseram e pensam que lembram também.

---

<sup>33</sup> LOEWNTHAL, 1998, p 67

<sup>34</sup> LOEWNTHAL, 1998, p 75

“Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória.”<sup>35</sup> Retemos na memória tudo aquilo que nos constrói identitariamente. Nada do que guardamos na memória esta fora do conceito de que de forma positiva ou negativa constitui uma identidade.

“A historiografia brasileira esta impregnada por narrativas que discursam sobre a nação, a pátria, a sociedade, o Estado Brasileiro”.<sup>36</sup> A historiografia chegou ao Brasil muito rarefeita, vinda tardiamente da Europa especificamente da França em um contexto que remonta a estadia de Fernando Braudel e outros intelectuais franceses durante a década de 1930.<sup>37</sup> Os textos chegam na década de 70 mais com o bafejo de 60. A partir daí começa a surgir a necessidade de produzir o conceito do que é região.

Essa questão não esta restrita a penas a essa década. A semana de Arte moderna e antes dela com Mario Andrade Oliveira que viajou para o campo, documentou a cultura e a história, levou o folclore pra sua literatura, descrevendo o povo brasileiro. O tema dos sertões brasileiro é uma tentativa de reencontro desse Brasil que não é orla. Iniciativas que remetem ao ideal de regionalismo, do que é regional e local. A descoberta da identidade de um país, que não esta centrado apenas nas grandes capitais. A semana de arte moderna promoveu a ruptura dessa coisa estabelecida, para se descobrir o Brasil do interior.

Certeau nos atenta para o fato de que não há nenhum trabalho que se esquite a responder ao seu leitor. O lugar que ele vai falar de onde ele esta é que vai identificar e conduzir seu trabalho. É o historiador que decide as ideias, e as formas de como ele vai questionar e buscar a compreensão desses lugares.

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estende-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu patoá representa minha relação com o lugar.<sup>38</sup>

“É apenas a teoria que articula uma prática, a saber, a teoria que por um lado abre as praticas para o espaço de uma sociedade e, que por outro lado organiza os procedimentos próprios de uma disciplina”<sup>39</sup>. Não existe nada fixo no sonambulismo teórico e quando falta

<sup>35</sup> LOEWNTHAL, 1998, p 83

<sup>36</sup> REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local?. Artigo publicado em [www.historialocal.com.br](http://www.historialocal.com.br) 2004.

<sup>37</sup> ROIZ, Diogo da Silva; SANTOS, Jonas Rafael dos. As transferências culturais na historiografia brasileira: Leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil/. Jundiaí, Paco Editorial: 2012. P 13

<sup>38</sup> CERTEAU, 1982, p.65

<sup>39</sup> CERTEAU, 1982, p.66

conteúdo teórico da historia, a historia vira uma questão ditatorial e não é dessa forma que a historia é feita.

A operação historiográfica vem a ser a articulação de um lugar, de uma pratica e de uma escrita por isso nossa pratica é com a atividade problematizadora. A historia trabalha com a narrativa e a narrativa faz parte do campo da discursão do literário. Porem as narrativas históricas dispõe de características próprias da construção do pensamento que é a historia. Assim a escrita historiográfica se constrói a partir da instituição dela mesma das questões que ela publica e que afirma são técnicas e formas de produzir o discurso histórico.

O compromisso do historiador é com a documentação, com o que vai inquirir a partir das fontes, trabalhando com um passado morto que só terá condições de sair dessa conjuntura de morto através das fontes. As fontes são os únicos mecanismos que temos que possa fazer com que os mortos nos auxiliem na condução de um discurso. Na historia o sujeito sempre esta ausente.

“Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio econômico, politico e cultural.”<sup>40</sup> Na historia, não existe lugar que não seja o do sujeito, nosso lugar é o lugar do sujeito e não existe objeto sem sujeito. É em função desse lugar que são instaurados os métodos, que se traça uma topografia de interesses e que os documentos e as questões propostas se ordenam.

O historiador nega a expressão fatos porque trabalha com o conceito de acontecimento. Procura compreender conflitos e eventos, como se deram como foram tratados dentro desse tempo e espaço. Buscando entender também de que forma essa experiência humana pode ajudar a compreender o presente.

O historiador não discute uma questão a penas no endurecimento de uma logica é preciso relativar. Relativar é a capacidade de se permitir ou seja fazer perguntas a se mesmo. È possível relativar sem riscos de sair dos trilhos uma vez que relativar não implica em construir explicações ou justificar equívocos, porem se faz necessário. A historia procura fugir da filosofia dessa coisa de discursão teórica filosófica pesada que não permite ao historiador caminhar, por ter uma construção muito solida e já estabelecida sobre as questões.

Quanto a isso Certeau disserta:

A historia “objetiva”, alias, perpetuava com essa ideia de uma “verdade” um modelo tirado da filosofia de ontem ou da teologia de ante-ontem; contentava-se com traduzi-la em termos de “fatos” históricos... Os bons tempos desse positivismo estão definitivamente acabados.[...] Desde então veio o tempo da desconfiança. Mostrou-

---

<sup>40</sup> CERTEAU, 1982, p.66

se que toda interpretação histórica depende de um sistema de referencia; que este sistema permanece uma “filosofia” implícita particular que infiltrando no trabalho de análise, organizando-o a sua revelia, reme a “subjetividade” do autor.<sup>41</sup>

Não é possível afastar da estrutura do texto a ideologia que ele possui. O perigo da ideologia é que ela inibe a capacidade de pensar com liberdade e muitas das vezes aprisiona.

---

<sup>41</sup> CERTEAU, 1982, p.67

### 3. A HISTÓRIA DA CIDADE ATRAVÉS DOS LIVROS DE MEMORIALISTAS

*Como uma sociedade, qualquer que seja, poderia existir, subsistir, tomar conhecimento de si mesma, se ela não considerasse um conjunto de acontecimentos do presente e do passado, se ela não pudesse reconstruir o curso do tempo e recuperar incessantemente os traços que deixou de si mesma?*

*(Maurice Halbwachs)*

São considerados memorialistas escritores que fazem uso de diversos instrumentos e fontes em seus textos, as vezes ocasionando em textos de caráter autobiográfico. Os autores que mais nos interessam são aqueles que dispõem da sua experiência de vida e da tradição oral para suscitar observações sobre a cidade em que viveram, para construir uma peculiar narrativa histórica. O que melhor se expressa na fala de Maurice Halbwachs:

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer, e também para completar, o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a eles relativas permaneçam obscura para nós . O primeiro testemunho, a que podemos recorrer será sempre o nosso.<sup>42</sup>

Para tal feito esses autores não se utilizam das normas metodológicas e teóricas da escrita acadêmica sobre história. Muitas vezes esses escritores utilizam de pesquisas abrangentes sobre um determinado objeto que demandam muito esforço, sujeitando a pesquisas de anos sobre arquivos, embora geralmente não propalem quais foram os arquivos pesquisados e as referências utilizadas, chegando a enlear citações de sua autoria com citações de documentos consultados ou de autores por eles lidos. Sobre a relação de memorialismo e cidade acreditamos que ainda no campo historiográfico ainda estamos caminhando muito devagar, sobretudo no caso específico da história da cidade de Jacobina, pois necessitamos do cruzamento de procedimentos tanto historiográficos quanto das áreas correlatas como a literatura, crítica literária e antropologia.

Os memorialistas representam um grande número de diferentes escritores que escrevem sobre a história, “escritas de si” cada um a sua maneira. Sem deixar de produzir história, pois a história é múltipla, produzindo diversas narrativas que nem sempre assumem

---

<sup>42</sup> HALBWACHS, 2006, p.29

os critérios acadêmicos. Entretanto, alguns historiadores, mesmo quando imbuídos de boas intenções, mesmo que para reforçar a importância histórica do memorialismo, argumentam como o prestigiado Halbwachs. "A história é uma e se pode dizer que só existe uma história"<sup>43</sup>. Compreendemos aqui, que embora os discursos "históricos" sejam de diversas matizes, eles podem, devem ser considerados como abrigados sobre os seios de Clio.

A maneira singular que o escritor memorialista tem de contar essa história é uma das particularidades que diferencia o trabalho de cunho memorialístico do historiográfico. Os preceitos teórico-metodológicas previamente instituídas nas escritas acadêmicas não aparecem na narrativa produzida por memorialistas. Escritores memorialista redigem de formas diferentes para diferentes públicos, de acordo com a sua temporalidade.

Memória autobiográfica e memória histórica. A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda, naturalmente, seria, bem mais extensa do que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a memória da nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais contínuo e mais denso.<sup>44</sup>

O processo da memória é uma ação de fundamental importância para o homem, e considerando que a história social do indivíduo é permeada pelas relações sociais estabelecidas, atentamos para a importância de se dedicar nos estudos regionais que enfatizam obras de cunho memorialístico, pois elas retratam em seu conjunto parte da memória social do lugar.

O estudo de fontes memorialistas é de fundamental importância para erudição detalhada de determinados episódios históricos, pois narra algo presenciado ou vivido por ele mesmo. Entretanto, não podemos deixar de lembrar que assim como o historiador lança mão de efeitos literários, aqui também, ao narrar suas memórias, esses autores literatizam suas memórias. Segundo Drummond, ao analisar o escritor Walter Benjamin não existe possibilidade no presente do homem abrir um campo de exploração por meio da memória. Pois não existe nada estático a espera do memorialista pra ser escancarado. "O passado surge luminoso, imagética atravessando o tempo a espera de reconhecimento."<sup>45</sup>

As obras selecionadas para a elaboração deste trabalho são classificadas como memorialismo urbano e serão utilizadas para fortalecer o campo da historiografia das cidades.

<sup>43</sup> HALBWACHS, 2006, p. 105

<sup>44</sup> HALBWACHS, 2006, p. 73

<sup>45</sup> DRUMMOND; SAMPAIO, 2014, p.166.

Todas são fundamentais para a historiografia jacobinense e contribuíram significativamente para as descrições do entorno regional sobre a população de Jacobina, seu cotidiano, seus personagens e seu ambiente urbano.

As cidades são consequências de realizações humanas, um invento que foi sendo modelado ao longo de um processo histórico que ganhou efetivação diferenciada em função de determinantes históricos específicos. O espaço urbano é um espaço produzido socialmente, modificado com o passar dos tempos. A cidade é o retrato dos seus habitantes uma vez que eles produzem e reproduzem o espaço. Compreende-se desse modo que os memorialistas percebem sua cidade de acordo com seus sentimentos, criando em suas obras densas descrições da cidade.

Desse modo, selecionadas algumas entre as obras que contam história da cidade, espreitando os personagens, encontrados em vários espaços, as tramas de uma história sobre as práticas, o modo de vida de um povo, uma vez que os discursos apontam pra esses personagens. Entre outras histórias que começaram a ser esmiuçadas não tão gloriosas e triunfantes, mas histórias que se encadeavam num movimento incessante de produção de sentidos em que a vida individual se choca com a história coletiva.

Compartilhamos momentos iguais que, no entanto são recordados de distintas maneiras. Os momentos, as imagens, tudo fica na memória e assim os memorialistas vão construindo suas histórias que em algum ponto tocam a história de uma ampla população cidadina. A construção do relato memorialístico se faz pela invocação do que se viveu, pela recomposição do que esta abarcado na memória do homem, como também pelo testemunho dos que estão envoltos. Além disso, podemos supor que o próprio imaginário do memorialista, apesar de ser mostrado como de uma ordem pessoal, se encontra vazado pelo imaginário coletivo a cerca da experiência individual, política ou cultural. O que queremos dizer é que a experiência individual de certa maneira é também uma experiência coletiva, geracional.

Tratar as narrativas da cidade de Jacobina consiste em situá-las nas discussões historiográficas sobre memória. A história local das origens e de personagens de Jacobina nos remete sempre a um passado grandioso, embasa-se em testemunhos, narrativas de um povo representados pelos memorialistas das décadas de 80 e 90 os quais produziram sua representatividade social, através do testemunho histórico das origens, vida e cultura do povo jacobinense.

Maurice Halbwachs afirma que toda memória é coletiva, “memória social”, “já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história geral”<sup>46</sup>. As recordações que temos do que passou, não são restritas as interferências externas, ou seja, elas não são individuais, mas inquiridas por um grupo do qual estamos inserido ou fora dele e atende as expectativas do contexto e do tempo vivido. Sobre os fatos históricos na memória coletiva o autor salienta:

Quando os evoco, sou obrigado a me remeter inteiramente á memória dos outros, e esta não entra aqui para completar ou reforçar a minha, mas é a única fonte do que posso repetir sobre a questão (...). Trago comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso aumentar por meio de conversas ou leituras – mas esta é uma memória tomada de empréstimo, que não é minha.<sup>47</sup>

O gênero memorialístico é basicamente novo na história da literatura brasileira. Ele nasce no centro do movimento romântico, em fins do século XIX e surge na ficção brasileira na década de 80, misturando autobiografia, relatos de viagens e reflexões de intelectuais que viveram no exílio ou foram testemunhas das atrocidades cometidas pelo regime militar. Dai surgiu à necessidade de buscar elementos, que ampliassem os estudos na compreensão de visão de sociedade, homem e espaço. Com o passar do tempo a produção neste campo atingiu sua primazia estética singular marcando presença nas publicações de grandes autores romancistas brasileiros.

Foi diante desse cenário que acendeu entre alguns literatos, o desejo de catalogar os eventos do passado e as transformações urbanas que modificaram o panorama de uma cidade e a vida de um povo. A maneira como Jacobina é representada no livro desses autores é muito semelhante e se divide em aspectos comuns, pois buscavam engendrar um passado para a cidade criando uma representação histórica a partir da descrição de paisagens, datas, eventos, costumes, personagens.

Jacobina passou por uma série de transformações e reestruturações do espaço urbano na primeira metade do século XX. E esses livros de cunho memorialístico são de fundamental importância para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre a cidade e suas transformações. E a iniciativa destes autores, de registrar por meio de suas publicações a visão de cada um da história de Jacobina. Proporcionou-nos um patrimônio riquíssimo, histórias contadas minuciosamente, um verdadeiro manancial de conhecimentos sobre essa terra que ainda estavam relegadas ao abandono e esquecimento.

---

<sup>46</sup> HALBWACHS, 2006, p. 73

<sup>47</sup> HALBWACHS, 2006, p. 72

A presente pesquisa centrou seu foco no estudo de três autores memorialistas da cidade de Jacobina: Alcira Pereira Carvalho Silva, Doracy Araujo Lemos e Amado Honorato de Oliveira. Ambos relatam experiências, modos de vida e praticas do povo jacobinense. Utilizam-se de uma linguagem narrativa com diferentes estilos, porem expressam suas ideias livremente sem qualquer preocupação com a sua constatação em documentos ou fontes.

Diante das dificuldades em encontrar informação sobre os autores acima citados, salvo algumas recolhidas em notas de livros ou fontes hemerográficas, fica uma lacuna pela própria falta de trabalhos sobre os referidos autores. Embora suas obras sejam recorrentemente visitadas, não há um trabalho biográfico sobre esses memorialistas, ou informações mais precisas, o que procuramos suprir com pequenas descrições colhidas em diversos documentos e resumidas em um único texto. Algumas dessas informações de caráter biográfico e bibliográfico serão agora apresentadas. A primeira foi elaborada para traçar um pequeno esboço da escritora memorialista Alcira Pereira Carvalho Silva.

Alcira Pereira Carvalho Silva, natural de Triunfo-Pe, cidadã jacobinense. Veio para Jacobina em companhia de seus pais Abílio Pereira Lima e Idalina Souza Lima e seu irmão Adalberto Pereira Lima, em Janeiro de 1933.

Concluiu o curso primário na Escola Ruy Barbosa. Iniciou os estudos secundários no Colégio Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento em Senhor do Bonfim em 1938, transferindo-se para Jacobina onde se formou em Professora pelo instituto Senhor do Bonfim em 1942.

Casou-se com o jacobinense Adhemar Silveira Carvalho Silva em 1947 com quem teve uma filha- Tereza Cristina em 1953. Ingressou no magistério secundário em 1944, a convite e no primário em 1950 por concurso. Como professora primaria foi delegada escolar. Lecionou nas Escolas Reunidas Luís Anselmo da Fonseca e foi vice diretora do grupo escolar Alice Barros de Figueiredo , onde se aposentou, a 14 de julho 1983.

No primeiro volume de sua trilogia de memórias intitulado de *50 Anos Depois* (1984), Alcira Pereira Carvalho Silva narra uma sequência de reminiscências de sua vida. Memórias de uma educadora expressas em 97 paginas, nas quais impera uma narrativa autobiográfica, impregnado de experiências da autora pedaços da sua vida, em episódios contidos na memória. A autora reconstrói o seu passado com o olhar do presente e dá as suas lembranças um caráter confessional, de modo a estabelecer certa intimidade com o leitor que se torna, assim, seu confidente.

Alcira Pereira, ao lançar o olhar sobre o passado em busca de suas lembranças apresenta detalhes da sua vida de sua infância, de quando chegou a cidade com a família pelo

trem da Ferrovia Leste Brasileiro (1933), deixando pra traz a sua terra natal Triunfo, cidade do estado de Pernambuco. Expõe lembranças dos seus primeiros anos na escola. Destaca as características da cidade descrevendo as ruas, pontes, os padrões urbanos tipo: festas, lazer e religião. Explicita bem seu objetivo com a obra, o qual é narrar os caminhos percorridos, as etapas da evolução educacional em Jacobina durante esses 50 anos (1933-1983) por meio da sua experiência como estudante, educadora e Delegada Escolar desde as escolas primárias a construção do primeiro prédio á busca incessante pela regularização do curso superior na cidade de Jacobina, finalmente conquistada na década de 80.

Por fim a autora conclui os cinquenta anos da trajetória da educação em Jacobina, memórias de uma educadora satisfeita por ter contribuído para a educação da terra que lhe ajudou a descobrir um mundo de descobertas através dos tempos.

Em seu segundo livro *Jacobina Sim (1988)*, Alcira Pereira assinala na apresentação que não se trata de um trabalho científico e sim um trabalho emotivo, voltado a estimular aqueles que desejam descobrir novas fontes, novos caminhos para retratar e documentar a historia de Jacobina considerando a sua obra apenas como um esboço.

Ao longo das 99 paginas a autora limita-se a documentar a historia de Jacobina, discrepante ao seu livro anterior que é centrado na evolução educacional de Jacobina, nesse fascículo a autora nos transmiti uma visão panorâmica da geografia, da historia, da economia e dos bens culturais da terra. Declarações de quem viveu muito do que esta ali retratado. Buscava arrolar, de forma sucinta, diferentes aspectos da cidade. No decorrer dos dez capítulos do livro, a autora indica aspectos geográficos, o contexto histórico, a economia cultura e religião. Evidencia na narrativa de *Jacobina Sim*, uma ideia de linearidade, começando a partir das origens da cidade desde o seu povoamento ate a elevação à categoria de cidade.

Em seu terceiro livro *Caminhos Percorridos-Adhemar-De Caatinga do Moura a Jacobina (2003)*, em 222 paginas conta a historia do seu esposo Adhemar Silveira Carvalho e Silva desde o nascimento no dia 7 de setembro de 1915 no arraial de Caatinga do Moura pertencente a cidade de Jacobina. No decorrer da narrativa apresenta detalhes da vida de Adhemar em família, das suas proezas dos empregados que serviam a família, os festejos do arraial, lendas da mata . Historias e estórias contadas por Adhemar.

Vale destacar a ênfase dada pela autora a historia do distrito de Caatinga do Moura desde a origem do seu nome: “O Moura de Caatinga do Moura se deve ao nome do Sr. Moura, agregado do Sr. Alexandre Marques, que veio de Portugal com dinheiro trazido da Coroa, a fim de formar uma expedição e explorar o interior da Bahia.” A produção do roçado,

a vegetação luxuriante e a produção dos seus afamados doces. A sua importância econômica para Jacobina era notória, produzia mamona e sisal de forma significativa além do que nas décadas de 70 e 80 do século passado, Jacobina foi o primeiro município produtor de alho no Brasil, graças a Caatinga. As réstias de alho chegaram, a ser exportadas, devido a sua qualidade.

Silva lembra como se deu o seu encontro com Adhemar, começo de uma amizade com retorno de Adhemar a Jacobina depois de concluir seus estudos em Salvador. Como fiscal geral do município de Jacobina frequentemente ia a prefeitura no ano de 1945, a fim de providenciar documentação necessária a instalação do distrito de Caatinga do Moura. Neste período ela como secretaria da prefeitura tinha em mãos todos os documentos devidamente repassados pelo prefeito Dr. José Pinho Moreira de Freitas, para que se confirmassem os procedimentos necessários à elevação do povoado de Caatinga do Moura a distrito, um sonho intentado por Adhemar. Assim se passou o ano de 1945 conta Silva; deixou a prefeitura por motivo da demissão do Sr. Prefeito Dr. José Pinho Moreira de Freitas, e somente a partir de outubro de 1946 sua amizade e encantamento mútuo por Adhemar foi solidificado. Em 30 de dezembro de 1947 casaram-se.

Silva discorre sobre a participação política e a vida social de Adhemar que na qualidade de vereador, percorria todo o município. Embora representasse a Caatinga do Moura, tinha amigos em todos as vilas, povoados e lugarejos. Durante as campanhas, integrava as caravanas dos candidatos a prefeito e vereadores, deputados e governadores. Seguiam em carros próprios, em caminhões fretados ou cedidos por adeptos. Nessa época, não havia financiamento externo para as campanhas políticas; cada um investia recursos próprios.

Em sua narrativa dá vazão ao seu conhecimento histórico. Uma característica importantíssima desse livro da nossa digníssima autora e que não se pode deixar de ressaltar que ao contar a história do seu saudoso Adhemar nos transmite etapas do Brasil republicano que influenciaram gradativamente na política e desenvolvimento econômica de Jacobina e região.

O segundo esboço biográfico/bibliográfico foi elaborado para descrever a trajetória da escritora memorialista Doracy Araujo Lemos.

Doracy Araujo Lemos, nasceu na cidade de Jacobina no dia 23 de maio de 1925 na Rua do Barro, hoje Praça Miguel Calmon. Fez parte do primário da escola Isolada da professora da Professora Ismênia Dantas. Concluindo com a mesma professora nas Escolas Reunidas Luiz Anselmo da Fonseca quando foi inaugurado em 1935. Diplomou-se professora

no Instituto Senhor do Bonfim em 1943. Fez concurso publico em Salvador em 1945, obtendo classificação foi nomeada em 1946 para Fedegosos , município de Morro do Chapéu depois transferida em 1947 para Itapura, Município de Miguel Calmon. Onde Lecionou durante 12 anos. Transferida em 1960 para Jacobina lecionou ate 1978 quando se aposentou depois de 32 anos de atividades escolares. Em 1976 foi contratada para lecionar no Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro. Em 1990 através de portaria passou a servir na seção pedagógica da Direc/16. Em 1970 foi lecionar Historia no Colégio Comercial de Jacobina desligando-se no ano de 1980 ingressando no mesmo ano na na Faculdade de Formação de Professores de Jacobina- FFPJ. Para enriquecer seu currículo com a licenciatura curta em Letras Vernáculas. É membro fundador da Academia Jacobinense de Letras ocupando a cadeira nº 4.

“Preservar a memoria da terra é obrigação de seus filhos” é com essa frase que Doracy Araújo Lemos inicia seu primeiro livro *Cartilha- Jacobina (1994)* Uma publicação simples com 21 paginas dividido em tópicos curtos, que tratam de assuntos variados desde o histórico de Jacobina ate suas belezas naturais, riquezas minerais e folclore com dados retirados das pesquisas realizadas pela autora para seu livro de memoria ate então não divulgado. Um livrinho dedicado as crianças jacobinense, com o objetivo de despertar o interesse pelo estudo da comunidade, o amor a terra.

*Jacobina Sua Historia e Sua Gente (1995)* obra dividida em 16 partes com 339 paginas um manancial de conhecimentos sobre a terra que lhe serviu de berço uma historia contada minuciosamente com o aproveitamento dos mínimos detalhes retratando o município com tamanha exatidão. Narra as festas acontecimentos da época de maneira única e autentica. O livro se constitui num documentário valioso em que a autora procura colocar de maneira criteriosa, os fatos mais importantes aqui acontecidos. Esse livro preencheu uma lacuna que havia na historia de jacobina. Assim autora, coletou dados, documentos, jornais, livros e relatos orais, sem deixar de lado à própria memória. No decorrer do texto buscou estabelecer uma narrativa objetiva, manifestando, por vezes, um sentimento de saudade sobre alguns eventos trazidos de suas lembranças.

Uma fonte valiosíssima para quem deseja conhecer e pesquisar fontes relativas a historia de Jacobina. Lemos afirma ter entrevistado pessoas nascidas a parti da década de novecentos preservando a fonte oral de informação.

O terceiro e último esboço biográfico/bibliográfico foi elaborado para descrever a trajetória do escritor memorialista Amado Honorato de Oliveira.

Amado Honorato de Oliveira, nasceu no dia 25 de abril de 1928, na Vila de Tanquinho, hoje Distrito de Tapiranga, Município de Miguel Calmon – Bahia, o caçula de 09 filhos de João Cândido Barbosa e Maria Honorata de Oliveira. Amado chegou em Jacobina em janeiro de 1935, acompanhando a sua mãe viúva e seus 7 irmãos, fixando residência na Rua Ruy Barbosa, numa casa pequena e pobre de propriedade do Sr. Antônio Miranda, vizinha à então Farmácia Santa Tereza, do Farmacêutico Arnóbio Meireles. Frequentou a Escola Ruy Barbosa, onde foi alfabetizado, chegando ao 5º ano, sob o comando da saudosa Professora Alice Barros de Figueiredo, temendo a sua régua preta e o seu costumeiro e eficiente rigor em prol do ensino. Fez os 1º e 2º Graus pelo então sistema Madureza no Ginásio “Deocleciano Barbosa de Castro”.

Foi Diretor do Centro Cultural de Jacobina, desde o dia 1º de janeiro de 1997 – Governo Leopoldo Moraes Passos. Musicou o poema *Hino a Jacobina*, de autoria da poetisa Doracy Araújo Lemos, transformado na canção oficial do Município, pela Lei Municipal 484, de 10 de dezembro de 1999.

Em 1999 escreveu o livro *Contos e Crônicas*, retratando figuras que marcaram época no nosso folclore e no nosso dia-a-dia e, em 2001 tornou real o seu livro “*Um nome em foco*”, dizendo os dados biográficos de 50 (cinquenta) cidadãos da nossa Sociedade, que estiveram presentes nos trabalhos do desenvolvimento de nossa terra.

A escolha do escritor Amado Honorato nessa pesquisa se deu pelo seu trabalho realizado, que reuniu em seus escritos um grande número de informações reconstruindo a trajetória histórica de cidadãos de Jacobina. Sua obra traz trajetórias de personalidades e fatos que ocorreram e que permaneceram na memória das pessoas entrevistadas pelo referido autor na coleta de dados orais.

A memória enriquece o imaginário coletivo da humanidade e serve de inspiração para a produção simbólica de povos de vários lugares, em várias épocas. Em seu livro *Contos e Crônicas*, obra dividida em duas partes. Na primeira parte intitulada Contos, Oliveira narra personagens que enriqueceram o folclore jacobinense, elementos de diferentes grupos culturais que fizeram parte da história desta terra. Descreve em modestos capítulos alguns fatos de personagens que fizeram história dentro da sociedade que vivenciou sua existência, ações e emoções como se a vida fosse um grande palco.

Na segunda parte Crônicas o autor limitava-se a relatos verídicos e nobres; refletindo a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc. do seu tempo. Relata tramas quase sempre pouco definidas e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato, constituindo-se

também em uma compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo.

A temporalidade na narrativa de Amado Honorato é aquela congelada no passado. Certamente que mudanças ocorreram, mas não capazes de apagar aquela forma de vida urbana antiga que ele, cronista, vai revivificar na memória. Seu trabalho de cronista é intencionalmente tecido em fragmentos de lembranças num esforço de recuperar os pedaços e compor um quadro de sentido plausível e eloquente que fornecesse um panorama da cidade por meio de personagens da época.

O livro *Um Nome em Foco 2001*, apresenta os dados biográficos de 50 (cinquenta) cidadãos da nossa Sociedade, que estiveram presentes nos trabalhos do desenvolvimento de nossa terra com uma riqueza de informações. Lembra e reverencia os personagens em seu espaço de luta, de construção e conquistas é repleto de uma simplicidade de estilo digno de ser lido e relido. O conjunto de ideias propostos nos fornece o perfil de indivíduos caracterizados delimitando o povo jacobinense, através de uma leitura do espaço social da cidade.

Diferente do seu primeira opúsculo *Contos e Crônicas* em *Um Nome em Foco* Amado Honorato presta homenagens a pessoas em vida, não apenas cidadãos ilustres e popular como também pessoas simples tirando-as do anonimato, vez que segundo ele os serviços prestados para engrandecimento de Jacobina teriam que ser ditos e enaltecidos como forma de agradecimento do seu povo

Relatos reunidos de memórias de pessoas que cresceram e participaram do desenvolvimento da terra jacobinense, executando trabalhos que foram transformados em marcas de tempos que merecem registros na história, traçando aspectos relevantes de indivíduos representativos em momentos distintos, mas que descrevem e evidenciam as participações na História da cidade. Ações, buscas, anseios, desejos estão imbricados neste romance biográfico que permeia e oferece oportunidade diversificada de leitura, oportunizando múltiplas possibilidades de compreensão e certeza da formação do cidadão.

Uma ideia amadurecida a partir do programa “*Despertar Caboclo*” apresentado pelo mesmo na radio Jacobina FM qual abriu um quadro com o intuito de despertar a lembrança focalizando os dados e fatos de vidas que integram a nossa história por isso o quadro “ O nome em foco” . Uma homenagem feita em vida a pessoas que foram registradas da nossa história. O material organizado é um exercício de cidadania.

Amado Honorato deixa explícito em suas duas publicações o desejo que sempre alimentou de escrever. Deixar registrado seu pensamento, sua época e família. Em seu

primeiro opúsculo descreve a dificuldade que encontrou para realizar seu sonho de editar um livro, devido ao seu auto custo. O autor relata que somente após a aquisição de um computador, conseguiu satisfazer esse átimo do seu jeito que é narrar as coisas do seu tempo.

Pelo que se lê nas paginas de rosto do seu segundo livro constata-se que o patrocínio de amigos e de pessoas que acreditam em seu trabalho foi de fundamental importância para a edição do documentário um complemento de um sonho.

Cada geração tem sobre sua cidade, a memória de acontecimentos que são a base de sua história. As correntes lembranças, que correm sobre o mesmo leito, conserva episódios relevantes dos quais já ouvimos repetidas vezes dos nossos avós. A memória dos velhos desenvolve e expandem de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere. Sobre a importância desses velhos memorialistas Eclea Bosi afirmou:

São a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não percebido como visado pelo passado.<sup>48</sup>

Maurice Halbwachs destaca que :

A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança.<sup>49</sup>

A memória, desses memorialistas, é um levantamento feito por pessoas já envelhecidas que de uma certa forma já contribuíram em prol da sua cidade . Assim, é uma narrativa de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, mas que já foram. Dessa forma podemos afirmar que os velhos, embora não sejam mais propulsores da atualidade de seu grupo social, apresentam uma nova atribuição social que é de trazer a memória e narrar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram, viram e aprenderam. Na velhice, as pessoas se transformam em memória, memória da família, memória do grupo, e da sociedade.

---

<sup>48</sup> BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. S.Paulo. T.A. Queiroz, 1979. P 18

<sup>49</sup> HALBWACHS, 2006, p. 101

Ambos os autores estudados empregam uma linguagem narrativa, com estilos que se diferenciam indubitavelmente cada um escreve ao seu modo. Porém, suas obras são frisadas pelos seus conceitos, afirmações e ideias que explanam, livremente, sem qualquer preocupação com a sua comprovação em documentos ou fontes. Levando em conta que ao elaborar o texto o memorialista, também o autor, coloca as suas impressões e subjetividades. Dessa forma, a história evidenciada em seus escritos acaba por se relacionar com os aspectos presentes na atualidade, confrontando-se com problemas desencadeados no período abordado por estes autores. Apresentando elementos que revelam a constituição do sujeito e o processo histórico que compõem suas obras a fim de, compreender a sociedade e o homem no seu espaço .

A peculiar formação dos capítulos dos livros, proporcionam o aumento do público leitor, pois os capítulos com pequenos sub-capítulos independentes, de cunho enciclopédico, facilitam a leitura dos leitores menos habituados com a leitura e desperta o interesse pela obra memorialista. Os títulos dessas obras comumente abrangem histórias e locais já conhecidos pelos leitores, que através dessas produções revivem suas memórias ou imagina como teria sido a cidade outrora que ele não conheceu.

Essas obras de linguagem simples e ao mesmo tempo riquíssimas em detalhes, opiniões e relatos de fatos que compõem a história de uma cidade, de um povo despertam cada vez mais o interesse não somente por parte de historiadores, mas também, de profissionais da comunicação cinema, cultura, arte, economia, política, entre outros que desejam se aprofundar no assunto, através de pesquisa. Tendo em vista que os autores memorialistas fazem uma descrição histórica profunda, detalhada do evento que ele presenciou ou ouviu alguém contar.

A produção da obra de cunho memorialista se dá por intermédio da memória, prontamente não é apenas um fenômeno de natureza peculiar, e sim, penetrado pelas relações demonstradas num grupo. Dessa forma, assimilando o processo da memória como uma ação de fundamental importância ao homem, e considerando que a história social do indivíduo é permeada pelas relações sociais estabelecidas, observamos a importância do aprofundamento nos estudos regionais que salienta obras de caráter memorialístico, por retratarem em seu conjunto parte da memória social do lugar.

Esses escritores tem uma maneira particular de escrever a narrativa histórica, que também merece ser estudado, para permitir a compreensão do que a população entende por história e deste modo, semelhante aos historiadores os memorialistas expressam em seus textos os anseios da consciência histórica, e apenas se diferenciam a partir dos métodos de

pesquisas e teorias utilizadas. Por tanto, observar o estudo dessas produções memorialísticas é imprescindível na análise de problemáticas da atualidade das cidades.

#### 4. MEMORIALISMO E VIDA URBANA: ENTRE REPRESENTAÇÃO E INVENÇÃO

*Quando falamos do passado, mentimos a cada respiração.  
William Maxwell*

A história cultural têm se manifestado extremamente diversificada teoricamente e metodologicamente, desde então, conquistando distintos posicionamentos a respeito da história e da cultura. O propósito da história cultural de acordo com Roger Chartier é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”<sup>50</sup>

Com esse intuito, a tendência da história cultural é afastar com interpelações simples e gerais simultaneamente, evidenciando-se pelos diversos modos de pensar e agir, através de um olhar coletivo, implicando em diversos trabalhos que exemplificam os mais variados temas no campo da história. Nessa perspectiva Pesavento ressalta:

Pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo.<sup>51</sup>

Tomando como ponto de partida textos escritos por duas educandas que dedicaram suas vidas em prol do desenvolvimento cultural da sua terra e por um maestro amante das artes, da história e da cultura jacobinense, em recortes temporais diferentes e descontínuos. Deixam nítidos a tamanha valorização pela cidade, cultuando a sua terra, rememorando os fatos mais importantes ocorridos na sua juventude, questões ligadas à história política, às tradições, as imagens populares deixando registradas as impressões que marcaram a cidade.

Tal cidade é Jacobina, no sertão baiano que começou a se formar como núcleo urbano no início do século XVII. Mas foi a produção aurífera, iniciada na segunda metade do século XVII e acentuada no século XVIII, que promoveu o crescimento da localidade. Foi distrito, freguesia, vila e, em 1880, alcançou a prerrogativa de cidade, adquirindo grande destaque na região. Quase sempre o ouro é associado ao desenvolvimento, não sem propósito Jacobina é nomeada como “cidade do ouro”.

<sup>50</sup> CHARTIER, R., 1990. A História Cultural. Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel. P 16

<sup>51</sup> PESAVENTO, Sandra. História & História Cultural, BH.: ed. Autêntica, 2003. P 42

Assim a historia de Jacobina é contada, com relativa liberdade metodológica sem se preocupar ou se prender com a forma, modelos e às imposições que são impostas ao historiador, estes autores construíram suas narrativas sem, contudo, deixar de revelar traços de uma escrita resultante de um trabalho que, se não historiográfico, mas, talvez, um trabalho literário que assim como a historiográfica, também deixa vestígios. Essas obras trazem numa linguagem rica em detalhes, opiniões e relatos de fatos que compõem a história. Fontes valiosíssimas para o estudo detalhado de determinados acontecimentos históricos, pois narra algo presenciado e/ou vivido por ele próprio.

É importante ressaltar que o olhar do escritor memorialista não é genuíno é intermediado por inúmeros pontos de vista, múltiplas interpretações da infecção da memória, do tempo que já passou e da maneira como vive o narrador. A representação exposta ao publico leitor não é a pura experiência mas aquela selecionada pela visão e pela memória de quem delibera por meio da literatura ou por outros meios de representação.

Assim destaca Paiva:

Não há memorialismo puro, porque o decorrer do tempo fragiliza a capacidade da memória, torna-a incompetente, infiel forçando a escrita, que a tenta reter, a selecionar, destruir, dissolver, apagar, perder-se em enganadoras ficções para reconstruir não o passado, mas um passado. Passado que por ser resultante da invenção da escrita já não é o passado, mas a invenção dele, a sua ficção. E aqui se distingue a tênue fronteira entre memorialismo e ficção.<sup>52</sup>

Dessa forma o presente capítulo objetiva problematizar as representações da cidade que aparecem nos livros desses autores que rememoraram e refletiram sobre a história do município: Alcira Pereira Carvalho Silva (1924), Doracy Araújo Lemos(1925) e Amado Honorato de Oliveira (1928). Procurando compreender o contexto histórico em que viveu esses autores. Assim, busca-se analisar essas fontes de consulta impreterível para aqueles que despertem o interesse de conhecer e escrever a respeito dos diversos aspectos da historia da cidade como espaço, costumes, politica, bem como o jeito de ser a maneira de pensar daqueles que ocupam parte do cotidiano local, na estruturação dos espaços de convivência,

---

<sup>52</sup> PAIVA. Jose Rodrigues de. Vergílio Ferreira: Para Sempre, Romance Síntese e Última Fronteira de um Território Ficcional, 2006 p.57

assim como das constituições sociais e econômicas sobre as quais refulgem os elementos formadores dos “lugares de memória”.

E quais seriam esses lugares da Memória? Jacques Le Goff os sintetiza, a partir de um fragmento de Pierre Nora, em seu verbete “Memória”:

“[Há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história”. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração e não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: “estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória”<sup>53</sup>

Sob diversas perspectivas, Jacobina aparece na obra desses autores desenhada, esculpida, traçada e retraçada em suas inúmeras nuances, apresentado os indícios do cotidiano de homens e mulheres além de mostrar os elementos do imaginário construído ao longo de mais de um século de existência como município emancipado. Esses memorialistas apontam vestígios que fundamentam um processo que nos permite reconstruir as bases sobre as quais a sociedade local estruturou os seus hábitos, os seus costumes e as suas concepções de mundo, com os quais moldaram o pensamento e o comportamento de sua elite social, cultural, política e econômica.

Os memorialistas produzem narrativas impressionantes, unindo a essência do passado com imaginário popular e a memória histórica da região, intensificando alguns eventos em detrimento de outros. Eles idealizam uma identidade para as populações e criam novos imaginários populares a partir daqueles que já existiam.

A intenção do biógrafo memorialista é captar a “verdade” dos fatos e das pessoas, desde então, vale frisar o caráter positivista que apresentam esses textos memorialistas, seja no comprometimento com a verdade ou a independência demonstrada ao abordar os fatos. No entanto isso não significa que o autor memorialista seja um entendedor da escola metódica positivista. Esse protótipo de escrever sobre a história dos grandes homens, dos notáveis

---

<sup>53</sup> NORA, Pierre citado por LE GOFF, Jacques. História e Memória. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.473.

eventos da nação, a independência, o compromisso com a verdade e a valorização de documentos escritos, tudo isso é uma característica adquirida desde os tempos de escola e agora é refletido na escrita.

O gênero memorialista vem sendo observado em função do conhecimento que transmite ao leitor a partir de fatos que diz respeito a sua vida particular ou a de um determinado indivíduo. No entanto, nas últimas décadas, o projeto autobiográfico vem aspirando uma espantosa variedade de interesses, atestando que a leitura de uma autobiografia, associada a análise crítica do contexto no qual foi produzida, pode oferecer uma visão abrangente não apenas do autobiógrafo, mas também das condições sociais, culturais, políticas e psicológicas que giram em torno do narrador.

Em contra partida, uma leitura histórica, literária e social da autobiografia de um memorialista pode oferecer a recuperação de escritos em alguns casos obscuros de difícil interpretação, ao mesmo tempo em que pode esclarecer as formas como podem vir a ser utilizadas as autobiografias, tanto para representar, entender as ações individuais e particulares, como também para testificar eventos históricos que marcaram a sociedade, determinando interesses contínuos, habilitados a suscitar mudanças educativas, políticas e sociais, ou contribuir para a própria teoria do memorialismo como gênero.

Outra perspectiva, não hegemônica, para a análise e compreensão dos autores memorialistas é desenvolvida por Drummond que em diversos textos sobre o assunto procura evitar o conceito de representação e verdade trazendo para o debate esforços da crítica literária e das teorias pós-estruturalistas.

Segundo Drummond, ao analisar o memorialismo de Walter Benjamin, percebe que a representação fiel de qualquer coisa não é feita a partir do vivo. A memória não representa o passado, ela representa os eventos ou acontecimentos desse passado. Não de forma efetiva, uma vez que é impossível recuperar o passado da mesma forma como ele aconteceu. Mas ele imaginado em forma de drama como se fosse uma encenação teatral.<sup>54</sup>

Agora, desenvolveremos uma análise dos trabalhos memorialistas no sentido de explicitar suas especificidades ao tempo que levantaremos as primeiras descrições do ambiente urbano jacobinense. Começaremos com a escritora Alcira Pereira de Carvalho Silva.

Alcira Pereira de Carvalho Silva - a primeira das escritoras Jacobinense ao ter suas observações publicadas- ao lançar o olhar sobre o passado em busca de suas lembranças, constrói a ideia de uma cidade que caminha com pequenos passos para evoluir culturalmente.

---

<sup>54</sup> DRUMMOND; SAMPAIO, 2014, p.164.

Tendo a cidade de Jacobina como razão real onde se desenrola as lembranças de uma educadora um romance perceptivelmente autobiográfico escritas feitas 50 (cinquenta) anos após ter chegado na cidade.

Entrelaçando vários personagens em um enredo que pretende mostrar ao público o desenrolar do processo educativo da cidade, a autora descortina toda a sua vida, de modo a dar ao leitor um amplo panorama, não só de si, mas de sua cidade atual aonde as tramas, tanto pessoais quanto coletivas, vão se desenvolvendo em vários lapsos de tempo de cerca de 50 anos, com idas e vindas típicas de um romance bem escrito e atraente, nos quais uma série de instituições se erguem e desaparecem. Mas o que aqui interessa salientar é que sua vida está diretamente relacionada com a história e a memória da cidade de Jacobina, na qual toda sua narrativa se passa.

A autora nos descreve um perfil da Jacobina que a ela foi apresentada quando aqui chegou em 1933:

A cidade que se me apresentava nesse momento era constituída de umas poucas ruas e travessas. Do Barro à Missão, dividida em trechos. Havia as ruas Professor Tavares, Ourives e da Conceição de um lado. De outro lado, partindo da Rua Ruy Barbosa, Praça Castro Alves, Rua Dr. Pedro Lago, Praça Rio Branco, Rua Cel. Teixeira, Rua Melchior Dias e Largo 2 de Julho. O bairro da Caieira seguia-se ao da Missão. Num outro lado se situava o bairro da Estação, onde desembarcamos, na Rua J. J. Seabra, até hoje existente.[...] Dois rios cortavam a cidade. O pequeno córrego Rio do Ouro, genuinamente jacobinense, e o Rio Itapicuru Mirim correndo de oeste para leste. Para atravessarmos o Rio Itapicuru, ou usávamos uma ponte de pau ou a pinguela, simples toros de madeira com centímetros de largura com um corrimão onde segurávamos para usá-la...<sup>55</sup>

Alcira Pereira de Carvalho Silva em *Jacobina Sim* (1988) e Doracy Araujo Lemos em *Jacobina Sua Historia Sua gente* (1995) Escrevem elementos que ajudam na compreensão da cidade, na medida em que fornece trilhas por onde se pode caminhar no esforço de compreender a cidade, a influencia da sua economia e sua conformação social. Ao reaquistar alguns relatos e adicionar outros, constrói um encadeamento de caráter descontínuo, obrigando ao leitor a tentar se conduzir aos “lugares de memória” por ela evocados. Representam Jacobina a partir de um modelo bastante comum entre os memorialistas.

---

<sup>55</sup> SILVA, Alcira Pereira Carvalho. 50 anos depois. Salvador: S.C.P, 1984. p 14-15

- Iniciam a abordagem discorrendo sobre as origens da cidade, enfocando, no seu povoamento, as contribuições das raças e povos e culturas;
- A localização geográfica do município serve como base para o desenrolar dessas memórias é a localização geográfica do município, situando a sua fronteira com outras cidades, retratando aspectos da hidrografia, do relevo . Sobrepondo a ideia do território como um patrimônio geográfico;
- O detalhamento de acontecimentos significativos na cidade;
- Dão notabilidade a personagens que tiveram alguma participação no desenvolvimento da na cidade;
- Mencionam espaços perceptíveis na cidade como entidades civis, entre elas filarmônicas, instituições públicas (hospitais, escolas etc), templos, entre outros, especificando a utilidade de um a fim de demonstrar uma cidade munida de serviços acessíveis a população;
- As festas, as manifestações típicas do lugar tanto cívicas como religiosas e os festejos populares;

As autoras utilizaram muitas das informações contidas em suas obras para construir a sua narrativa a respeito do surgimento e desenvolvimento de Jacobina , deixando nítido seu carinho e admiração pela terra. Tão somente com o intuito de oferecer aos interessados, conhecimentos da terra e fontes de pesquisa relativas a historia do município. O procedimento em questão fica bem evidenciado quando Lemos escreve:

Procurei dar a Jacobina uma coletânea de dados alguns “ipsis literis” publicados em Jornais Revistas e Livros. [...] A cada reminiscência contida, quer na cultura material quer na cultura espiritual deste povo, sinto me embevecida pela beleza de sua apresentação. Jacobina é uma cidade repleta de valores. Portanto estes deverão ser documentados e legados como subsídios à posteridade.<sup>56</sup>

Silva, também evidencia esse procedimento em sua obra:

Não é um trabalho científico, apenas um tratado de busca a respeito dessa coisa doce e emotiva que vive em mim, com relação a minha infância, transferida de uma realidade de vida, de lugar e de emoção, para Jacobina. Levada por minha profissão, me vi aos poucos envolvida como muitos de documento, descobrindo a vontade de

---

<sup>56</sup> LEMOS, Araújo Doracy. Jacobina sua história e sua gente. Feira de Santana: Grafinaart, 1995. p.05

escrever a historia de uma cidade, de um povo que é meu povo. Um livro de amor, construindo o que espero servir de estímulo a alguém a descobrir novas fontes e novos caminhos, para ampliar, retratar e documentar aquilo que para mim é a penas um esboço.<sup>57</sup>

Essas memorialistas levantam questões que envolvem a constituição dos elementos que compõem a história de Jacobina. Uma dessas questões diz respeito a origem do topônimo Jacobina já que muitas são as interpretações em torno do significado e de onde surgiu o nome da cidade.

Com o objetivo de explicar todas essas nuances, Lemos cita o conceito do historiador e sertanista baiano Teodoro Sampaio que defende a ideia de que o topônimo Jacobina vem do vocabulário indígena, significando “campo aberto”, “campo vasto” ou naturalmente despido de vegetação. A autora nos transmite também a interpretação do conterrâneo Afonso Costa expressada na sua monografia *Minha Terra (Jacobina de Antanho de Agora)*, a qual fundamentava a significação indígena como apropriada, partindo do ponto que “os aborígenes viam por aquelas terras todas, extensões muito longas, espaços despido de vegetação umbrosa, levantando-se aqui e acolá as serras nuas de arvoredos. Então para o índio, figurava mui acertadamente Jacobina.”

As autoras reforçam a lenda que enfatiza a escolha do nome da cidade, sobre a existência de um casal de índios cujos nomes Jaco e Bina, teria pela junção formado o topônimo Jacobina. Reza a lenda que esse casal de índios, em troca de presentes dava abrigo aos aventureiros brancos que no início da colonização devastavam o sertão baiano em busca de ouro. No qual usando de sua influencia perante os demais índios, Jaco e Bina conseguiam deter a agressividade própria dos aborígenes, facilitando aos aventureiros a penetração das terras nunca antes exploradas da região. Jaco e Bina morreram depois de muitos anos bem velhinhos. Sempre que se fazia alguma referencia as minas ou paisagens da região dizia: as terras de Jaco e Bina. A junção precisa dos dois nomes formava com exatidão: Jacobina.

Sobre a origem do povoamento, uma leitura mais aprofunda das obras de Silva e Lemos nos da entender que o povoamento de Jacobina assim como de outras cidades do interior baiano se deu com base em três elementos que foram de fundamental importância para o avanço e o desenvolvimento do seu território: as missões jesuíticas, a pecuária e a mineração. Todos esses elementos serviram em tempos e formas distintas para a constituição

---

<sup>57</sup> SILVA, Alcira Pereira Carvalho. *Jacobina sim*. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1986. P 05

da sua base populacional, embora seja a mineração o elemento que mais justifica essa base segundo alguns historiadores.

Apresentam fatos relevantes para a história da cidade como a elevação da vila à categoria de município, em 1880, a chegada da Viação Férrea Leste Brasileiro (V.F.L.B) (1919) que desempenhou tamanha importância não somente para o transporte de passageiros, mas também possibilitou durante um bom tempo o escoamento de grande parte da produção de mineral e agropecuária da região. Silva transmite um sentimento de nostalgia ao narrar a desativação da via férrea em 1976 com a frase “hoje so resta lembranças...” Em *50 Anos Depois* Silva nos descreve a emoção que sentiu, quando veio para Jacobina pela Viação Férrea Leste Brasileiro no ano de 1933 saindo de Triunfo –Pe com sua família. E narra mais adiante:

A estação onde desembarquei, vislumbrando a visão panorâmica de outrora, ainda se encontra no mesmo lugar, porem com a desativação da estrada de Ferro Leste Brasileiro, não mais nela chegam visitantes ou moradores como eu, que um dia aqui cheguei. »<sup>58</sup>

Lemos representa o tema sobre outro viés, aponta os motivos que levou a desativação da ferrovia, segundo a autora o que objetivou a desativação foi as pressões das grandes montadoras multinacionais a partir do ano de 1964, que optavam pelo sistema rodoviário. Alegando ser mais vantajoso esse tipo de transporte já que a manutenção com as estradas eram menos vultuosas.

Não demorou muito pra se constatar que não foi uma boa iniciativa abandonar o sistema ferroviário. Com a crise do Petróleo em 1973, tendo como consequência o encarecimento dos transportes e a degradação da economia. Até que em 1976 os trilhos do perímetro urbano foram arrancados, as Estações destruídas e a ponte metálica sobre o Rio Canavieira foi pavimentada, servindo assim para o transporte de carros e pedestres, durante a gestão do prefeito Carlos Pires Daltro.

Neste sentido, pode-se evocar, a título de ilustração, as observações acerca desse episódio narrado por essas memorialistas ao abordarem as transformações sofridas pela sua urbe, quando tem sua configuração espacial, completamente reorientada pela retirada dos trilhos da Ferrovia Leste Brasileiro.

---

<sup>58</sup> SILVA, 1984. p 96

Outra imagem de Jacobina constantemente reiterada, é aquela referente à “cidade do ouro” por ser a região mais antiga onde se encontrou ouro na Bahia, é também apelidada de “Cidade Presépio”, “Panela de Ouro” e “Princesinha do Sertão” Em uma passagem a Lemos assim a descreve:

“Na entrada da cidade, a primeira surpresa: o desenho de suas serras formando vales, desfiladeiros e “canyons” que se alternam por um percurso de contornos suaves e envolventes.[...] Depois, você vê que é nessa topografia em movimento que a cidade esta erguida, levada por suas construções simples e coloridas, como um presépio armado pelos homens[...] Mais de perto, pode-se ver que Jacobina é recortada por dois rios: O Itapicuru que vem da serra do tombador, atravessa a cidade e encontra o Rio do Ouro, histórico e legendário rio de preciosas águas, o qual na época da mineração fez a fortuna e o nome da terra[...]Por isso você vê muitas pontes, balaustradas e transeuntes debruçando-se sobre elas[...] Segue, e descobre-se beleza magnífica dos casarios históricos da arquitetura.(...) Não tem nenhuma ordem e ao mesmo tempo harmonia. Desde a topografia, passando pelo estilo das casas e igrejas, ate a economia, o que é uma diversidade de formas, um perfeito equilíbrio de tudo.”<sup>59</sup>

Em várias passagens, a imagem da “Cidade do Ouro” é evocada saudosamente por esses memorialistas. Em *Um nome em foco*, Amado Honorato a cognominou de “terra do ouro” salientando “Terra do Ouro como temos orgulho de chama-la”. Não obstante, a representação de Jacobina em torno do ouro aparece não só nas produções literárias como também no incentivo ao desenvolvimento do comercio e turismo.

Ademais, reforçam a imagem segundo a qual a micareta teria sido originada em Jacobina no ano de 1912 por iniciativa de um italiano que morava na cidade cujo nome era Porcino Maffei, o mesmo organizou um bloco denominado “As Copas”. Na época Salvador e Feira de Santana ainda não tinham realizado os festejos da Micareme, forma como era denominado o micareta na época

Os eventos narrados nas obras pertencem a meados do séculos XX. Assim, no que tange a esse período, os discursos memorialistas demonstram como os poderes públicos influenciam no aspecto físico da cidade de Jacobina. Desse modo, não é difícil perceber que a identidade da cidade está relacionada as interferências urbanísticas realizadas pelos administradores públicos locais e, porventura, dos intentos das camadas “elitizadas”, incitados pela visão de transformação urbana a partir de modelos pré-estabelecidos, que objetivavam serem reconhecidos como participantes desse novo tempo.

---

<sup>59</sup> LEMOS, 1995, p. 103

Por conseguinte, expõem o interesse por parte dos poderes públicos com a construção de obras e funcionamento de alguns serviços públicos como o fornecimento de energia elétrica, saneamento básico o desenvolvimento do transporte rodoviário. E também com o condicionamento e controle de padrões tidos como retrógrados, que contribuíam para um conceito não civilizado da cidade Jacobina.

Alcira Pereira de Carvalho Silva descreve uma Jacobina sempre próspera. O olhar lançado pela autora sobre a cidade é perceptivelmente elitista. O espaço onde atuam os seus escritos é o centro da cidade e o Distrito de Caatinga de Moura que segundo a autora fez de Jacobina nas décadas de 70 e 80, o primeiro município produtor de alho no Brasil. A autora discorre a respeito do comércio jacobinense, os estabelecimentos educacionais, os jornais, os espaços de lazer, os cultos religiosos tradicionais e os órgãos públicos e as instituições militares. Ou seja, trata-se de um olhar limitado aos espaços de sociabilidade das elites locais.

A Jacobina, representada pela memorialista, era uma cidade promissora e em processo de modernização, jornais, sistema telefônico, implantação de luz elétrica, saneamento básico, espaços culturais, turismo e festas. Os grandes acontecimentos ocorridos na cidade são lembrados com entusiasmo pelo memorialista, assim como nomes de pessoas renomadas, que, acreditava a autora, foram os que proporcionaram o crescimento e o reconhecimento da urbe de Jacobina. Mas, não apresenta problemas nem questões intrigantes sobre o município.

A nossa segunda análise será sobre a memorialista Doracy Araujo Lemos em que daremos seguimento a nossa metodologia de apresentar as descrições ao tempo que exploraremos o seu imaginário quanto ao ambiente urbano em suas informações históricas.

A visão de sociedade representada pela autora é uma sociedade, que valoriza a cultura, os costumes e tradições pelo resgate da história dos fundadores e do processo de desenvolvimento econômico político e social, enfim apresenta a sociedade como moderna e progressista. Enfatiza a presença de homens de bem na sociedade, ou seja, uma elite que direcionou o crescimento guiados pelo discurso modernizador.

Doracy Araújo Lemos também representa o processo de modernização da cidade apresentando alguns pontos semelhantes aos anteriormente narrados por Silva, no entanto de forma menos resumida. Diferentemente, Lemos abre espaço em sua obra para citar os tipos humanos, pessoas muitas das vezes rejeitadas pela sociedade: mendigos, loucos, fanfarrões e pessoas das mais humildes.

No tópico intitulado *Realidade Social* podemos perceber situações que contrastam com a visão de beleza da tão afamada “cidade do ouro” entre elas, as consequências do inchaço populacional com pessoas advindas de diferentes lugares, pessoas que nem sempre

vinham com a intenção de proporcionar o progresso econômico e social da região, aventureiros que roubavam e praticavam crimes hediondos que eram noticiados nas manchetes dos jornais. Menores perambulavam pelas ruas da cidade pedindo roupas comida e dinheiro outros marginalizavam-se e caíam no mundo das drogas, nascia a preocupação com a possibilidade dessas crianças, disseminarem a Aids.

Nesse mesmo tópico a autora narra um sequestro que chocou a opinião pública. Não só na cidade mais em todo território baiano. Um fato inesperado que ninguém imaginaria que fosse acontecer em uma cidade do interior. Dois elementos invadiram a casa de um bancário fazendo duas crianças de cinco e nove anos reféns. Uma tensão que durou do dia 18 ao dia 20 de dezembro 1993. Policiais Civis, Militar e até o Exército se intercalaram a fim de libertar as crianças. Num jogo de paciência conseguiram em fim libertar os reféns ilesos.

Já o autor Amado Honorato de Oliveira, permite ao leitor um passeio por histórias e memórias de Jacobina, devido ao caráter cronista com que o autor empresta a obra. A cidade é visualizada por meio de reminiscência, uma temporalidade viva, sem sombra de dúvida, porém se fixam numa dimensão de tempo decorrido, de um passado que se foi.

Para isso o autor faz uso de termos categóricos, que intensificam essa ideia de distanciamento de tempo. O próprio parágrafo em que inicia a narrativa salienta que muitos anos se passaram:

“Viveram em Jacobina, no tempo da nossa saudosa juventude, pessoas que enriqueceram o nosso folclore, elementos de diversos grupos culturais que passaram à história desta terra cheia de motivos alegres e que, ao serem lembrados, irão saindo dos seus lugares em nossa memória, juntando-se aos demais que deixaram fatos, coisas e flagrantes para serem contados.”<sup>60</sup>

A narrativa segue o movimento da vida, elas não se mostram à parte da história, unicamente escoam-se. Na medida em que a história é contada, os episódios aparecem acompanhando a memória do autor. A interinidade apresentada, que conserva um sentido um tanto bizarro quanto aos nomes dos personagens, dos lugares e das sociabilidades formadoras do espaço que chegam divergir muito com o momento atual em que nosso cronista tece suas memórias. Ao invocar o passado, o autor utiliza-se de termos que tão somente ele tem conhecimento:

---

<sup>60</sup> OLIVEIRA, Amado Honorato de. Contos e crônicas. s.n.t. (Impresso encadernado). Disponível no Centro, 1999, p 03

Ele dizia chamar-se Jose Francisco dos Santos, nascido nas barrancas do São Francisco. Preto que só quixaba[...] atendia pelo apelido de “Bucha de Canhão”[...] Bebia que só um mata-borrão[...] cambaleando pelas ruas a gritar: “E o Breu?... Cadê o Breu?...[...] No seu corpo de branco só tinha os dentes e gostava de mostrá-los quando pilheriava com alguém[...] estava cheio de “meropéia”, vindo de uma noite mal dormida por causa da “caebra” que rolou até o amanhecer[...] foi encontrado bêbado, sentado no passeio da venda de “Buzo Almeida” [...] quando acordou atrás das grades, de ressaca e com a cara meio “enfarruscada”.<sup>61</sup>

Assim ia o cronista com uma clareza literária excepcional, através da representação do cotidiano, discorrendo sobre personagens estranhos, alguns tipos pitorescos da cidade que divergem do restante da população, desenterrando dos mortos gente conhecida ou já totalmente esquecida: Alô Bahia, Bob Silva, Bucha de Canhão, Cicero rezador, Dor de Barriga, Fecha Beco, Felipe Raizeiro, Felipe Chifrudo, João Aranha... Que são como que lêmures vindos de um outro tempo invocados através da recordação do cronista para ornar o passado dos personagens que deram vida ao livro e que possibilitarão ao leitor imaginar como era a Jacobina de outrora.

Por último, dando prosseguimento ao nosso trabalho, analisaremos o memorialista Amado Honorato, levando sempre em consideração sua descrição do ambiente urbano e o conjunto de informações históricas sobre a cidade.

Amado Honorato é autor de um projeto literário que prima por mostrar a sociedade jacobinense de uma forma que tendem a ir muito além dos limites socialmente estabelecidos. Em seu livro *Contos e Crônicas* (1999), o escritor dá voz aos fantasmas da cidade, àqueles que são vistos e, contudo ignorados. Justamente a população produzida e ao mesmo tempo rejeitada pela urbe. Amado Honorato representa na memória uma Jacobina povoada de personagens. Nas suas reminiscências Amado Honorato não discorre, entretanto, sobre uma cidade do passado ou do futuro. Mas por uma cidade onde ele viveu, reconstituída pelas suas lembranças.

A partir das informações desses personagens da época, Amado Honorato consegue traçar o perfil da população jacobinense. Como viviam como se portavam, suas limitações políticas. Além disso, o autor acompanha rotina de uma cidade, exaltando-a como cidade metrópole devido a sua posição geográfica privilegiada, pela cultura, educação e de homens honrados que exerceram a cidadania. E aí de quem dissesse o contrário da sua afirmativa.

---

<sup>61</sup> OLIVEIRA, 1999, p. 16-17

Assim assegurava:

“Não adianta dizer que outras terras estão em maior progresso, em maior desenvoltura, que nos passam para trás a passos largos, porque so os cegos não vêm que Jacobina continua liderando, embora a politica de hoje seja o lado negativo e que muito nos deixa a desejar.”<sup>62</sup>

No entanto podemos perceber nos epílogos situações que contrastam com uma visão de progresso. Uma delas é o fato da cidade ainda não ter o benefício da agua encanada.

Diante disso o autor discorre:

Jacobina ainda não tinha o benefício da agua encanada. O Rio do Ouro era o seu principal manancial e os aguadeiros se tornaram famosos servidores que não paravam durante todo o dia transportando lata d’água para o abastecimento local. Ali na Ponte do Convento, do lado da casa de Dona Nena, havia uma descida com degraus onde as vasilhas eram cheias.[...] Os aguadeiros que podiam, compravam jumentos para o carregamento dos “carotes”, usados no transporte do precioso liquido para os locais mais distante da cidade .<sup>63</sup>

Amado Honorato, ao elaborar as suas representações do passado de Jacobina, ofereceu-nos alguns indícios que auxiliam captar um pouco as sensibilidades das iniciativas politicas em torno do município. Em seu texto o autor narra um episodio que lhe causou tamanho descontentamento quando Jacobina perdeu a 4ª Agencia Regional da SUVALE. Ao ponto de defini-la como “terra do já teve, do aqui tinha e do aqui era assim”<sup>64</sup>.

Por determinação do Governo Federal, com a implantação de uma politica diferenciada para o desenvolvimento dos trabalhos no Vale do São Francisco(...), talvez por um “vacilo” do seu próprio povo que não foi a luta pela defesa dos seus interesses, Jacobina perdeu a 4ª Agencia Regional da SUVALE- Superintendência do Vale do São Francisco-, transferindo-a para Irecê, prejudicando a “terra do ouro” e sua gente, acostumada a receber as benesses reivindicadas pelo Deputado Manoel Novais, o maior benfeitor da populosa região do Piemonte da Chapada Diamantina.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> OLIVEIRA, 1999 , p. 129

<sup>63</sup> OLIVEIRA, 1999 , p. 20

<sup>64</sup> OLIVEIRA, 1999, p. 59

<sup>65</sup> OLIVEIRA, 1999, p. 59

Em *Um Nome em Foco* (2001) Amado Honorato exerce a sua sensibilidade, criando a cidade do seu pensamento. No imaginário compartilhado por Amado Honorato, Jacobina esta ligada aos nomes dos “grandes homens”, ou os “cidadãos de bem” do município, às suas grandes obras, e aos seus feitos na cidade.

Tanto a escrita ficcional literária quanto a história estão presentes na obra de Amado Honorato possuem resquícios de subjetividade e objetividade que se misturam e reinventam uma nova forma de contar historia da cidade.

A cidade é muito mais que um cenário inerte. Ela é tudo aquilo que pode ser sabido e elucidado. Desse modo, estudar a cidade inclui viver a cidade. O que perdura nas cidades não é apenas o que existiu no passado, mas cada uma das ações que a desenvolveram. As marcas deixadas pelas que as pessoas dia a dia na paisagem urbana são significativas. Evidenciam de que forma, em seu cotidiano, constroem e estabelecem seu modo de vida na cidade. Denotando, assim, como um espaço diversificado marcado pelas mais variadas atuações. Os relatos das práticas cotidianas são modelos de organização do espaço e fazem parte das práticas representativas do espaço.

Esses espaços são construções humanas que compreendem relações sociais e de poder, assim, eles estão sujeitos a definições e transformações dos homens. Estas podem ser desinente tanto de fatores econômicos, políticos ou socioculturais determinando seu controle sobre todo e qualquer ambiente, o que pode ser também uma apropriação representativa de referência ou identidade.

Nesse sentido, o discurso memorialista está sempre se renovando, como meio de representação das realidades históricas e da sua finalidade, deixando ou absorvendo fatos ao processo histórico, proporcionando uma espécie de verdade indiscutível. Os retalhos de lembranças, assim, vão fornecendo elementos para a ação da memória. No momento em que os eventos estão sendo lembrados, vêm os personagens, as cenas e o cenário, manifestando-se na sequencia de tempos e espaços.

Pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, que nesse espaço tem lugar. Há, pois, uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. É o que chamamos cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos, derrubada e transformada em sua forma e traçado. Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como expectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do

pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores.<sup>66</sup>

O que está implícito na citação é que analisar as representações construídas sobre uma efetiva cidade é um modelo de como a literatura pode ser importante para a pesquisa histórica, pois, sendo o município representado por vários pontos de vista, no âmbito da arquitetura, urbano, ilustrativo, entre outros, a literatura inclusive representa a cidade. O fato é que toda manifestação cultural tem seus mais inúmeros significados e se relaciona diretamente com a sociedade, economia, política e essencialmente com a educação.

---

<sup>66</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do Urbano*. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Edição Universidade/ UFRGS, 2002. p. 10.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Para mim, a história é a soma de todas as histórias possíveis, uma coleção de misteres e de pontos de vistas, de ontem, de hoje, de amanhã. O único erro seria escolher uma dessas histórias com exclusão das outras.*

*Braudel*

Ao se fazer esse breve arrolamento daquilo que se tem escrito a respeito da cidade de Jacobina, citando o desempenho de estudiosos e pesquisadores em seu esforço de percepção da história do povo da cidade, apoiado de sua memória. Chegamos a uma análise das elaborações acerca das impressões que ficaram nos sentidos desses memorialistas, tentando tirar dos seus escritos, algumas das construções imagéticas que perpassaram as formulações conceituais que nortearam as percepções do cotidiano jacobinense, relativos ao tempo por eles contemplados.

De todo exposto, concluímos que ao realizar a função de elaborar uma análise historiográfica sobre o modo de como a memória de Jacobina e região vem sendo representada, percorre impreterivelmente, pela necessidade de dominar algumas indagações conceituais. Uma delas, talvez a primeira é justamente o que se entende por um estudo historiográfico.

Acreditamos que o aperfeiçoamento dos estudos relacionados à temática do memorialismo contribui para o aprimoramento da discursão historiográfica regional e, dessa forma expandir, alargar os campos de pesquisas em torno de outros domínios historiográficos, assim como viabilizar um diálogo autêntico, em limites conceituais, com outras áreas do conhecimento, a exemplo da Literatura.

O suporte teórico proporcionado pelas disciplinas do curso de História, nos guiaram na compreensão de que para interpretar a sociedade contemporânea, é imprescindível conhecer o processo histórico do homem, da sociedade e da educação, principalmente no que tange ao processo histórico da cidade de Jacobina.

No âmbito acadêmico percebe-se uma certa depreciação dos historiadores no que diz respeito à produção dos memorialistas, mesmo que frequentemente apareçam, obras memorialistas na qualidade de fontes secundárias, na produção de historiadores que se dedicam as temáticas regionais. Geralmente, os historiadoras reputam o descredito do gênero,

por serem formuladas por autores sem formação acadêmica específica na área de História e pelos fatos narrados serem oriundos de memória seletiva individual ou coletiva.

As obras memorialísticas regional auxiliam na formação e representação social dos símbolos, costumes e tradições. As memórias como mecanismo de produção são um recurso de valorização social, de produção e reprodução simbólica, pois evidenciam a memória coletiva nos registros fundamentais da história do homem, sociedade e educação de uma forma harmônica.

Entendemos que a memória é um elemento importante para o estudo de história e se constitui num ato de lembrar e esquecer, uma investida de selecionar aquilo que é importante lembrar. Ligada a uma perspectiva histórica, a memória contribui imensamente para análise de uma história local uma vez que é repleta de significados e que espera por mais estudos.

As obras dos memorialista citados nesse trabalho elaboram narrativas que afirmam tanto a singularidade do povo jacobinense, tanto a primazia dos bons valores e exemplos existentes no passado. Não havendo como negar a importância da produção dos memorialistas para a história regional, a cima de tudo, se levamos em consideração que tal produção delegou à historiografia regional um amplo manancial de fontes que, com metodologia adequada, pode ser transformada em riquíssimas pesquisas sobre a memória da região.

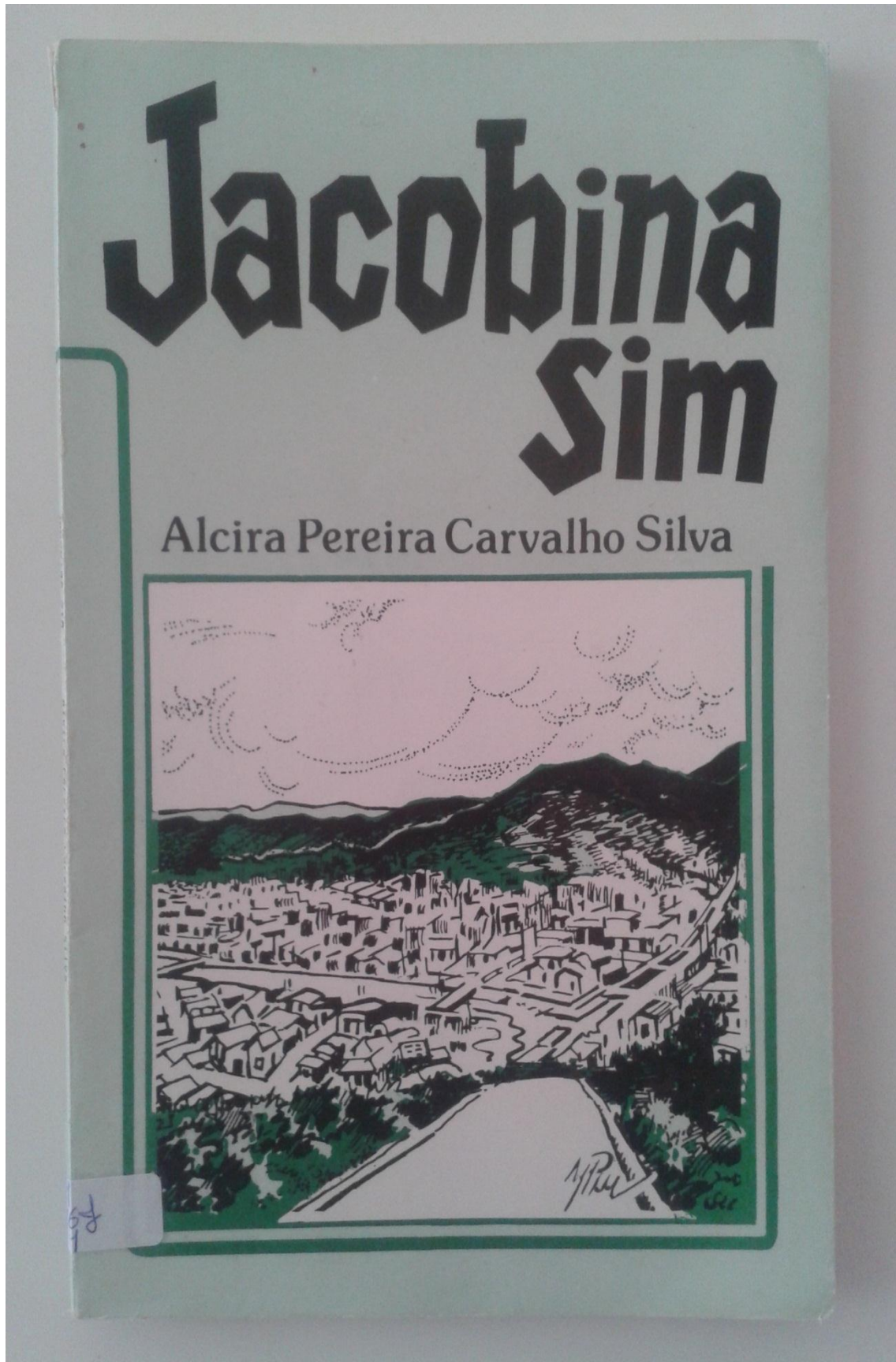
As obras dos memorialistas jacobinense estão presentes, inclusive, nas referências de muitos trabalhos acadêmicos sobre a região. Acreditando que, assim como o historiador, os memorialistas também deixam vestígios do lugar social em que sua produção esta inserida.

## ANEXOS



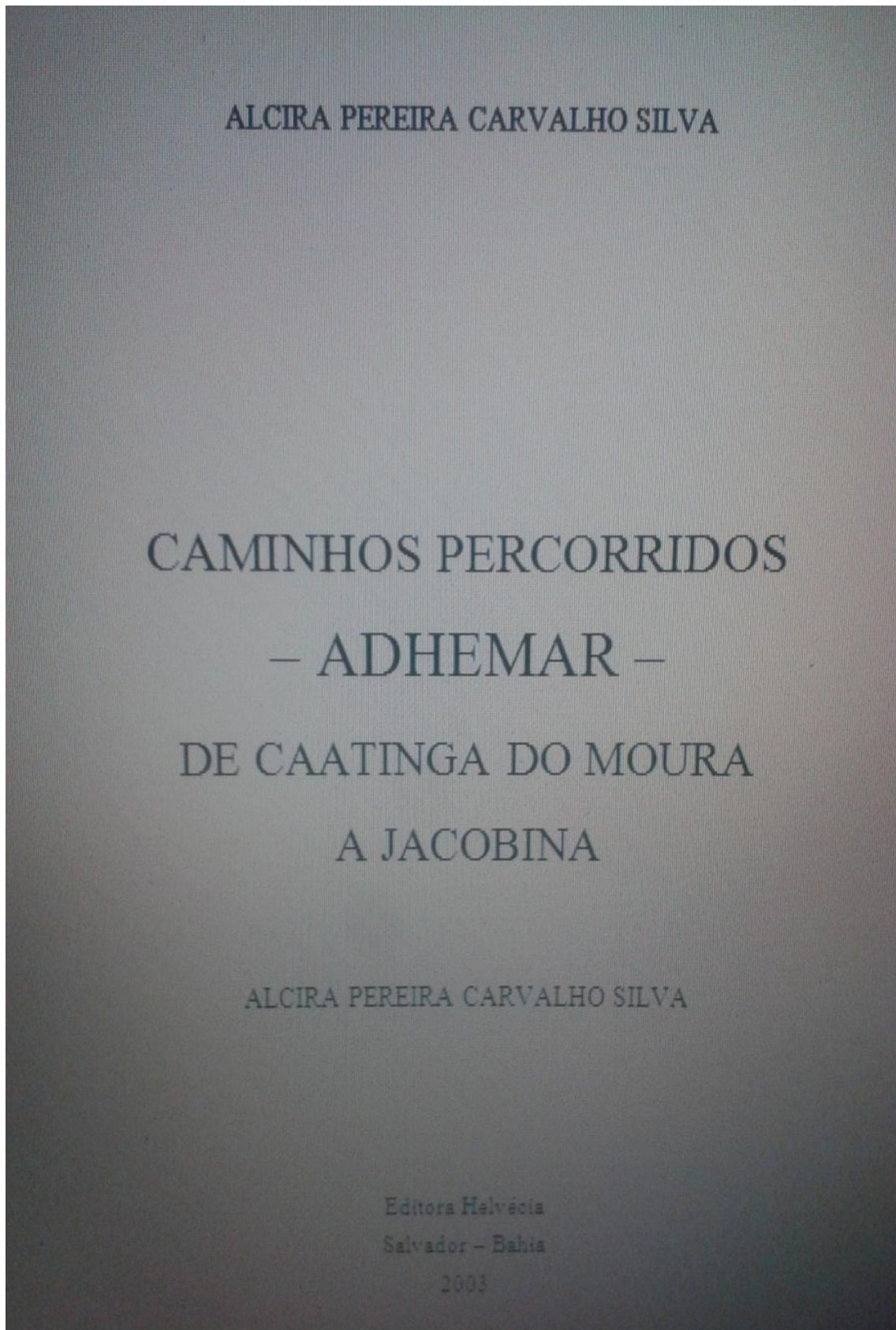
Capa do livro 50 Anos Depois, 1984.

Disponível no Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos. Jacobina - Bahia.

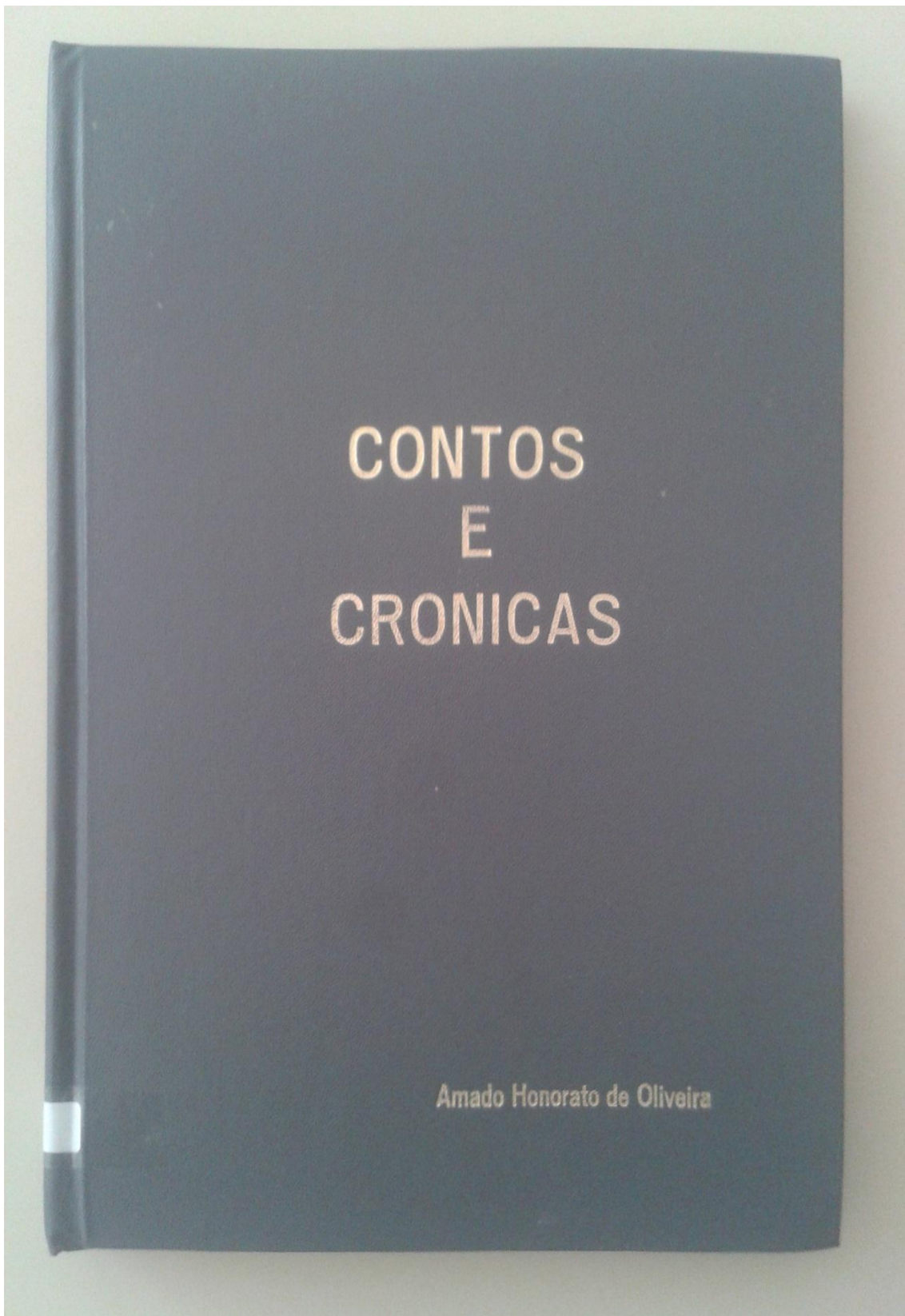


Capa do livro Jacobina Sim, 1988.

Disponível no Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos. Jacobina - Bahia

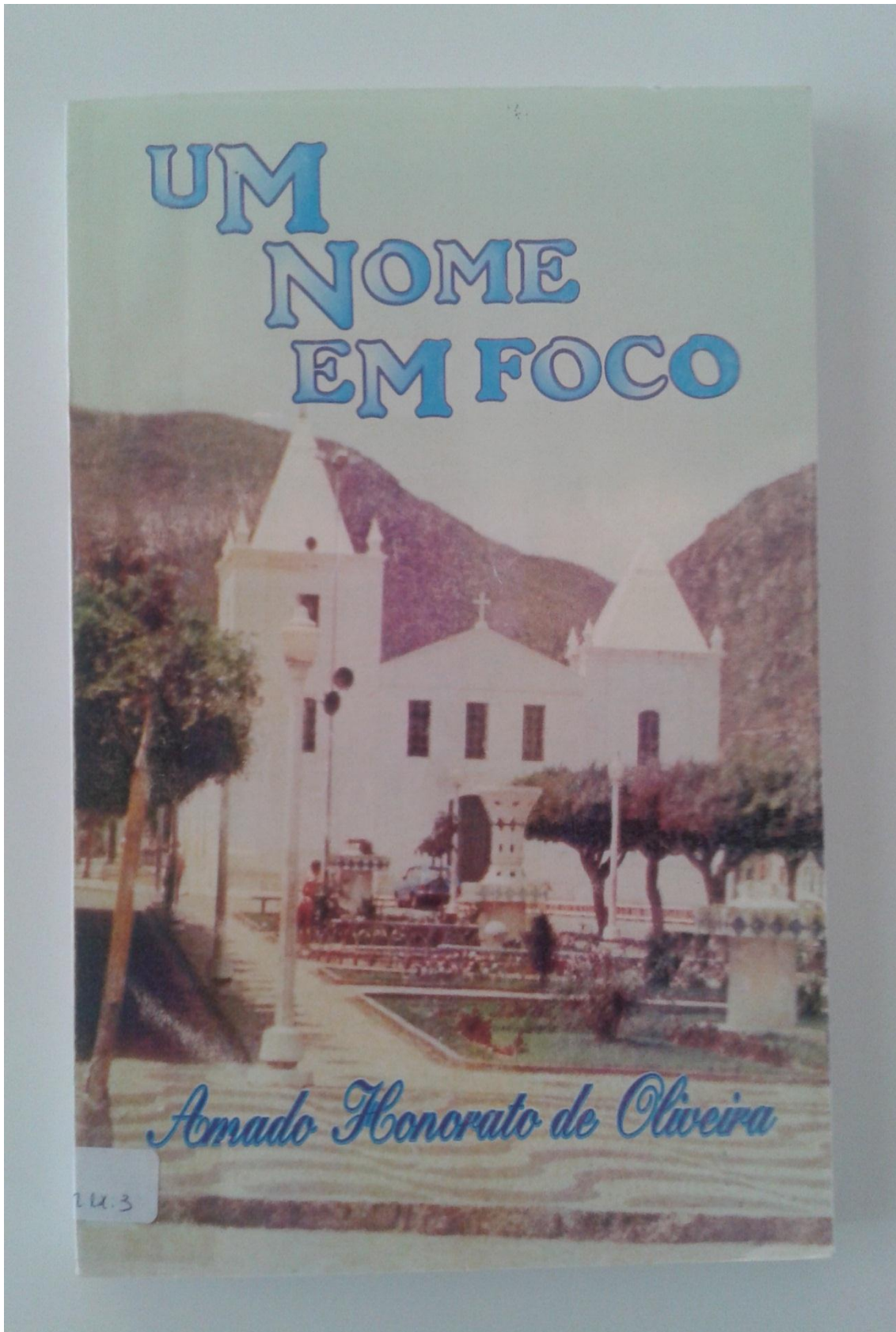


Capa do livro Caminhos Percorridos- Adhemar- de Caatinga do Moura a Jacobina, 2003.  
Disponível no site [http://professoraalcira.com/?page\\_id=10](http://professoraalcira.com/?page_id=10)



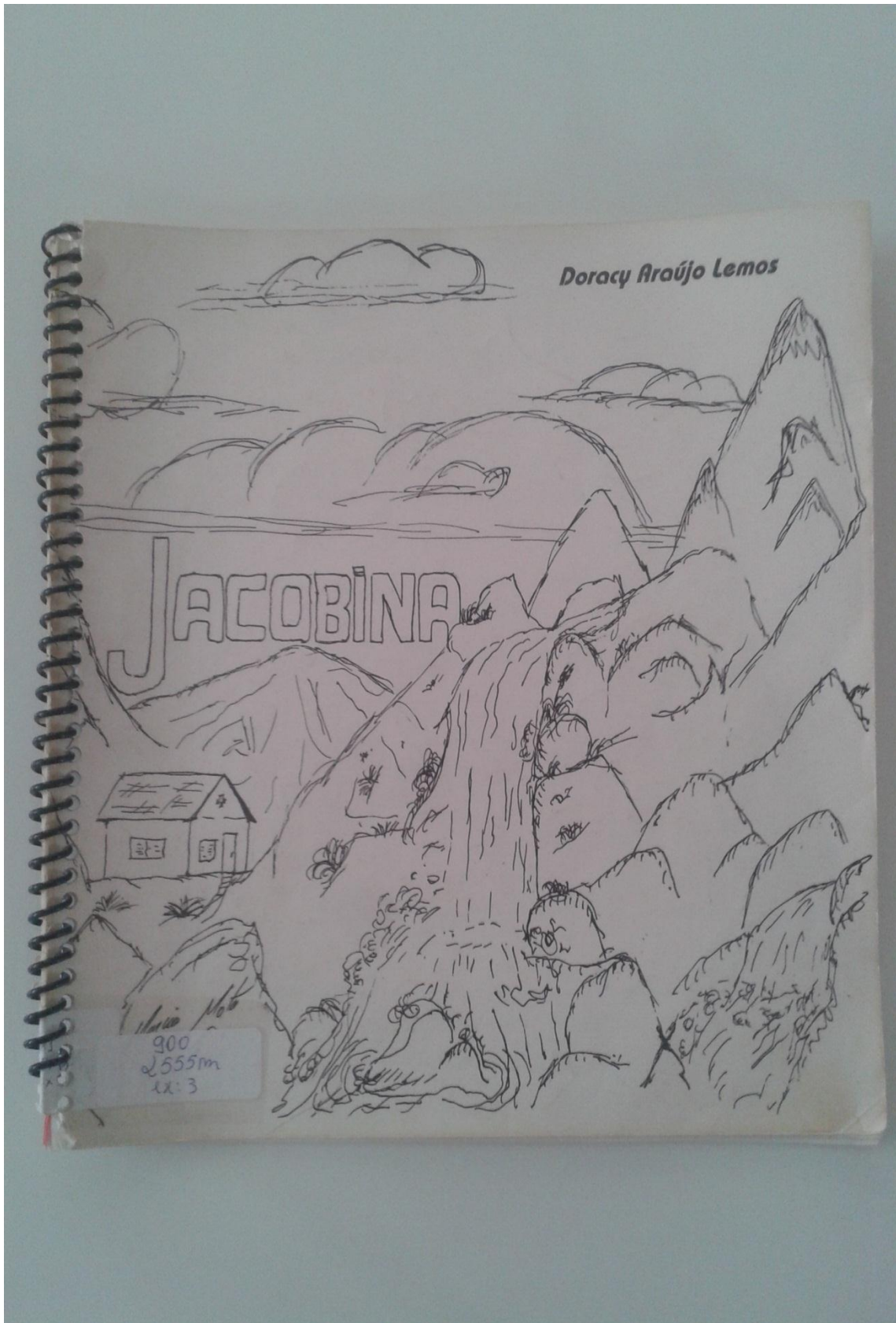
Capa do livro Contos e Crônicas, 1999.

Disponível no Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos. Jacobina - Bahia



Capa do livro Um Nome em Foco, 2001.

Disponível no Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos. Jacobina - Bahia



Capa do livro Jacobina, 1994.

Disponível no Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos. Jacobina - Bahia



Capa do livro 50 Anos Depois, 1984.

Disponível no Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos. Jacobina - Bahia

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. S.Paulo. T.A. Queiroz, 1979
- CARVALHO, Jose Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da república no Brasil*. São Paulo 1990
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. – Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural - entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985.
- D´ALESSIO, Marcia Mansor. *Proj. História*, São Paulo, (17), nov. 1998 p. 270
- DRUMMOND, Washington; SAMPAIO Alan. *Genealogia e historiografia: dissolução do sujeito, elisão da memória*. 2014.
- FERREIRA, Antônio Celso. *A fonte fecunda*. In: *O historiador e suas fontes*. (Orgs): Carla Bassanezi Pinky; Tania Regina de Luca. 1ed. São Paulo. Contexto, 2011.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996
- LE MOS, Araújo Doracy. *Jacobina sua história e sua gente*. Feira de Santana: Grafinaart, 1995.
- LOWENTHAL, David *COMO CONHECEMOS O PASSADO*. Tradução: Lúcia Haddad, Revisão técnica: Mariana Maluf, 1998.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *Rev. Inst. Est. SP*, 34:9-24, 1992
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993. P 07
- NORA, Pierre citado por LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.473.
- OLIVEIRA, Amado Honorato de. *Contos e crônicas*. s.n.t. (Impresso encadernado). Disponível no Centro, 1999, p 03
- PAIVA. Jose Rodrigues de. *Vergílio Ferreira: Para Sempre, Romance Síntese e Última Fronteira de um Território Ficcional*, 2006 p.57
- PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*, BH.: ed. Autêntica, 2003. P 42

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: Visões literárias do Urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Edição Universidade/ UFRGS, 2002. p. 10.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. As leituras da memória: A cidade imaginária de um cronista do Sul brasileiro ( Antônio Alvares Pereira Coruja e a Porto Alegre do Início do Século XIX) 1990 p. 48

POULET, G. O espaço proustiano. Rio de Janeiro, Imago, 1992, pp 54-5

REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local?. Artigo publicado em [www.historialocal.com.br](http://www.historialocal.com.br) 2004.

ROIZ, Diogo da Silva; SANTOS, Jonas Rafael dos. As transferências culturais na historiografia brasileira: Leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil/. Jundiaí, Paco Editorial: 2012.

SILVA, Alcira Pereira Carvalho. *Jacobina sim*. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1986. P 05

SILVA, Alcira Pereira Carvalho. 50 anos depois. Salvador: S.C.P, 1984. P